



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**PALMIRA DA SILVA CARVALHO**

**GESTÃO PARTICIPATIVA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: O CASO DA**  
**ESCOLA 25 DE JULHO NO DISTRITO DE MANDACARU EM**  
**JUAZEIRO-BA**

**JUAZEIRO – BA**

**2021**

**PALMIRA DA SILVA CARVALHO**

**GESTÃO PARTICIPATIVA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: O CASO DA  
ESCOLA 25 DE JULHO NO DISTRITO DE MANDACARU EM  
JUAZEIRO-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Extensão Rural - PPGExR da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, como requisito para obtenção do título de mestre em Extensão Rural.

**Linha de Pesquisa:** III- Instituições Sociais e Desenvolvimento Territorial

**ORIENTADORA:** Flaviane Maria Florêncio Monteiro Silva

**CO-ORIENTADOR:** Daniel Mariano Leite

**JUAZEIRO – BA**

**2021**

C331g Carvalho, Palmira da Silva  
Gestão participativa e educação do campo: O caso da Escola 25 de Julho no Distrito de Mandacaru em Juazeiro-BA / Palmira da Silva Carvalho. – Juazeiro - BA, 2021.  
xii, 70 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Espaço Plural, Juazeiro-BA, 2021.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flaviane Maria Florêncio Monteiro Silva.

1. Educação Rural. 2. Escola municipal. 3. Educação Contextualizada com o Semiárido. I. Título. II. Silva, Flaviane Maria F. Monteiro. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 370.19346

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

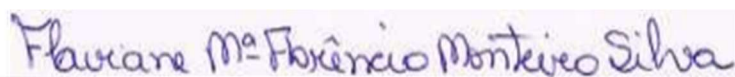
**PALMIRA DA SILVA CARVALHO**

**GESTÃO PARTICIPATIVA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: O CASO DA**  
**ESCOLA 25 DE JULHO NO DISTRITO DE MANDACARU EM**  
**JUAZEIRO-BA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Extensão Rural, nível Mestrado Profissional, na linha de Pesquisa: III - Instituições Sociais e Desenvolvimento Territorial como requisito da obtenção do título de Mestre em Extensão Rural, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

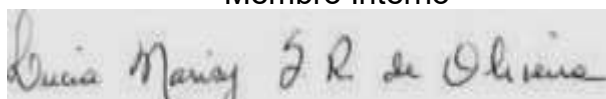
Aprovado em: 25/02/2021

**Banca Examinadora**



---

Profa. Dra. Flaviane Maria Florêncio Monteiro Silva - PPGExR/UNIVASF  
Membro Interno



---

Profa. Dra. Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira - PPGExR/UNIVASF



---

Profo Dr. Daniel Ribeiro Menezes - PPGExR/UNIVASF - CMVET/UNIVASF  
Membro Externo

*A Deus, autor da minha vida, da minha fé.*

*A toda minha família pelo apoio e  
companheirismo na minha jornada.*

**DEDICO**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me conceder o dom da vida e o crescimento, segundo o seu propósito e vontade.

A minha família, presente de Deus, que com tanto amor e carinho tem me apoiado em mais essa jornada da minha vida.

Ao Mestrado em extensão Rural e a Universidade Federal do Vale do São Francisco, que me acrescentaram tão grandioso conhecimento e vivências tão ricas para toda minha vida.

A minha orientadora, Profa. Dra. Flaviane Maria Florêncio Monteiro Silva, pelo compartilhar e dedicação que me ampararam e orientaram nessa jornada. Ao meu coorientador Profº Dr. Daniel Mariano Leite, que tão prontamente se colocou a me ajudar nessa jornada.

A toda minha turma R3, que ao longo desses meses me trouxeram tantas contribuições e conhecimentos, no compartilhar das suas vivências e experiências em nossos finais de semana.

A realização de um sonho, que ao longo do tempo com seus grandes desafios me trouxeram tão rico conhecimento e vivência para toda minha vida.

**Minha gratidão...**

## RESUMO

Este trabalho teve como finalidade estudar a gestão participativa no meio rural e a da bandeira “Por uma Educação Do Campo”. A escola estudada se encontra no Distrito de Mandacaru II, Escola 25 de Julho, situada no município de Juazeiro/BA. Através de entrevistas semiestruturadas, feitas com a gestão, alunos e membros da comunidade; além de estudos bibliográficos, submeteu-se um envolvimento no ambiente da escola e comunidade. A escola estudada mostrou relativo sucesso na tentativa de implementação de práticas democráticas em seu espaço, além do intercâmbio com a comunidade, entretanto, a bandeira por uma educação no e do Campo ainda não faz parte de suas bases curriculares e do conhecimento da própria comunidade escolar. A problemática contida na falta da caracterização de uma escola situada no meio rural, como “escola do e no Campo” e toda carga política contida nesta afirmação é notória. Compreendendo esta perspectiva chegou-se ao entendimento que a implementação de práticas democráticas na escola rural poderão ser grandes ferramentas para a transformação das realidades, no entanto a falta de aprofundamento no que diz respeito a contextualização do ensino rural com o currículo corrente conceito contido na bandeira “Por uma educação do Campo”, também traz prejuízos a afirmação de um ambiente de fato democrático.

**Palavras chave:** Gestor educacional. Gestão participativa. Educação do Campo. Campo.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work was to study participatory management in rural areas and the “For an Education From the Countryside” banner. The school studied is located in the District of Mandacaru II, Escola 25 de Julho, located in the municipality of Juazeiro / BA. Through semi-structured interviews with management, students and community members; in addition to bibliographic studies, involvement in the school and community environment was submitted. The school studied showed relative success in the attempt to implement democratic practices in its space, in addition to exchanges with the community, however, the banner for education in and in the countryside is not yet part of its curricular bases and the knowledge of the school community itself. . The problem contained in the lack of characterization of a school located in rural areas, as “school in and in the countryside” and the entire political burden contained in this statement is notorious. Understanding this perspective, we came to the understanding that the implementation of democratic practices in rural schools can be great tools for the transformation of realities, however the lack of depth regarding the contextualization of rural education with the current curriculum concept contained in the flag “For an education in the countryside”, it also damages the affirmation of a truly democratic environment.

Keywords: Educational manager. Participative management. Rural Education. Field.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Momento de integração dos alunos nas aulas de campo do programa de Extensão Rural - CRAD Centro de Referências de Recuperação de Áreas Degradadas das Caatingas (CRAD/UNIVASF).....17
- Figura 2:** Registro fotográfico de vegetação nativa da Caatinga (CCA-Univasf) durante aula de campo - CRAD .....18
- Figura 3.** Evolução do Valor Bruto de Produção do Distrito de Mandacaru, entre os anos 2015 e 2018.....31
- Figura 4.** Principais espécies cultivadas no Distrito de Mandacaru, de acordo com o VBP, no ano de 2018.....32
- Figura 5.** Imagem do Google Maps da localização da Escola 25 de Julho No Distrito Mandacaru II Juazeiro-BA.....34
- Figura 6.** Mapa da localização do Projeto Mandacaru, distrito de Juazeiro-BA, localizado no semiárido nordestino.....34
- Figura 7.** Apresenta a fachada de entrada da Escola Municipal 25 de julho, local de portas aberta sempre para recepção dos alunos, pais e comunidade em geral.....35
- Figura 8.** Apresenta a parte interior da fachada da escola 25 de julho, onde temos na imagem a entrada principal da escola que dá acesso primeiramente a parte da direção da escola.....36
- Figura 9.** Confraternização da equipe pedagógica e técnica da Escola 25 de Julho, momento de pensar ações da escola.....37
- Figura 10.** Foto dos participantes de jogos escolares, podemos reconhecer pais de alunos fazendo parte do momento da Escola 25 de Julho.....37
- Figura 11.** Alunos da Escola 25 de Julho em evento relacionado ao dia do Colono, dia do pequeno produtor, evento que foi realizado nas ruas do distrito de Mandacaru.....38
- Figura 12.** Imagem de pais, alguns alunos e direção pedagógica na reunião Pais e Professores da escola 25 de Julho, momento de troca e integração.....38

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>SIGLA</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
<b>AEE</b>	Atendimento de Educacional Especializado
<b>AGROVALE</b>	Agroindústria do Vale do São Francisco
<b>BA</b>	Bahia
<b>CODEVASF</b>	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
<b>CRAD</b>	Centro de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas
<b>HA</b>	Hectares
<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
<b>INPC</b>	Índice de preços ao consumidor
<b>IRPAA</b>	Instituto Regional da Pesquisa Agropecuária Apropriada
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>MST</b>	Movimento Sem Terra
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>VBP</b>	Valor Bruto da Produção Agropecuária

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 OBJETIVO DA PESQUISA.....	14
1.1.1 A trajetória no Mestrado em Extensão Rural.....	14
1.1.2 O Programa de Extensão Rural.....	16
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	18
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	20
3.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO E O TRABALHO DA GESTÃO.....	20
3.2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	22
3.3 GESTÃO PARTICIPATIVA NA ESCOLA.....	24
3.4 COMO A EDUCAÇÃO PODE SER TRANSFORMADA ATRAVÉS DA DEMOCRATIZAÇÃO DOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS.....	27
3.5 LOCAL DE ESTUDO.....	30
3.6 ESCOLA CAMPO.....	32
<b>4. OBJETIVOS</b> .....	40
4.1 GERAL.....	40
4.2 ESPECÍFICOS.....	40
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	41
5.1 TIPO DE PESQUISA.....	41
5.2 CAMINHOS ESCOLHIDOS PARA ENTREVISTA.....	41
5.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	42
5.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	42
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	42
6.1 ESCOLA 25 DE JULHO.....	42
6.2 A VISÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR.....	45
6.3 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA 25 DE JULHO.....	49
6.4 EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E A REALIDADE DA ESCOLA 25 DE JULHO.....	53
6.5 O ARTIGO CONCLUÍDO.....	55
<b>7. PRODUTO</b> .....	55
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56

<b>9. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>9. APÊNDICE A – ENTREVISTA PARA PARA GESTORES/PROFESSORES.....</b>	<b>58</b>
9.1 APÊNDICE B – ENTREVISTA PARA PARA ALUNOS.....	59
9.2 APÊNDICE C – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP - APROVADO.....	60
9.3 APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA – ESCOLA 25 DE JULHO.....	67

## 1. INTRODUÇÃO

O perfil do gestor educacional do campo no século XXI, traz em sua essência o objetivo de mostrar a importância de um trabalho articulado, transparente e engendrado no comprometimento da instituição com os demais atores da educação. É importante pensar a comunidade, o espaço físico na construção de um ambiente de diálogo, para melhor desenvolver as potencialidades e conseqüentemente, a construção do conhecimento no processo pedagógico.

A gestão participativa é aquela em que não existe um só agente promovedor de educação, ela busca a inclusão de todos dentro do processo educacional, escola, comunidade, corpo docente, funcionários da escola e família. A gestão participativa se diferencia de outras modalidades de gestão quando justamente procura a integração dentro do processo que se empreende, aqui nos referindo ao processo educativo.

A educação do e no Campo foi por muito tempo entendida como um “meio”, o espaço onde se deverá aprender para dali sair. Só há pouco tempo, passou-se a entendê-la como um espaço onde a construção do conhecimento deve estar aliada ao entendimento daquele por si só, com suas lutas políticas, dos problemas ali passados. O processo educacional deve existir para fazer de seus alunos cada vez mais cientes do seu ambiente, das necessidades do Campo, compreendendo o que é ser parte daquele espaço.

É interessante pontuar a necessidade de diferenciação de uma educação do e no Campo, que reflete um movimento, que busca trazer para o Campo uma educação contextualizada com a realidade. A escola estudada está localizada no meio rural, mas não tem em seu currículo métodos pedagógicos contextualizados, esse texto, além de tudo, procura fornecer um arcabouço teórico das contribuições que poderiam surgir, se existisse um esforço no sentido de transformar a educação rural de fato ligada a seu ambiente.

A função do gestor na formação de uma equipe participativa, deve ter o intuito de construir um ambiente que propicie o bem-estar coletivo e mostrar como é importante, que o mesmo como principal articulador, construa experiência coletiva, tenha visão holística e seja um bom ouvinte para que possa junto aos seus, buscar caminhos que visem o que há de melhor na construção e preservação do

patrimônio institucional, que resultará numa educação de qualidade.

Com base nas considerações de Libânio (2004), percebe-se nitidamente que é de extrema importância, para o gestor educacional a preocupação com práticas democráticas de suas ações. Portanto, este trabalho objetiva investigar as utilizações da gestão no seu processo educativo e como a inclusão de um viés democrático pode favorecer a construção do conhecimento. Além disso, no que se refere a educação rural, as práticas democráticas só tem a contribuir para a formação de um ambiente que preze pela adequação do ensino à realidade.

O foco investigativo se dá na comunidade do Mandacaru, lugar onde a investigação visa empreender a pesquisa. De cunho rural, o Distrito de Mandacaru é conhecido por sua produção agrícola, recentemente se tornou um distrito de Juazeiro/Bahia, ocupada por 54 lotes de pequenos irrigantes em 368 ha e por 2 lotes empresariais em 51 ha.

A escola que foi estudada, no Distrito de Mandacaru II é a Escola Municipal 25 de Julho. O distrito de Mandacaru II é uma extensão do Mandacaru I, ambiente destinado a agricultura familiar, como também sede de projetos de agricultura irrigada.

Baseado nessas questões esse projeto também irá problematizar, de que forma as comunidades escolares do Mandacaru II poderão desenvolver suas potencialidades na interação com a gestão, além de investigar a escola rural.

## 1.1 OBJETO DA PESQUISA

### 1.1.1 A Trajetória no Mestrado em Extensão Rural

A trajetória no mestrado de extensão rural teve início doze anos atrás, quando fui coordenadora pedagógica de formação de professores em escolas do meio rural do município de Juazeiro, em especial tínhamos uma espécie de sede na escola localizada na Maniçoba, o desejo de estudar a educação do e no Campo surge ao perceber o local diverso e rico que é o meio rural, local que abriga uma enorme diversidade de identidades e que, principalmente se desenha em meio a uma série de conflitos e problemáticas, tendo como principal alçoz o desenvolvimento desenfreado/industrialização encabeçado por grandes corporações.

A escola da Maniçoba, trazia algo em comum com muitas práticas educacionais em escolas do e no Campo, a falta de contextualização do ensino com o meio, a prática engessada de um currículo escolar que está preocupada em ensinar as

tradicionais matérias escolares, de forma unitária em todos os espaços. Ao trabalhar na coordenação da formação de professores, pude perceber o quanto o trabalho que ali se empregava tinha um aspecto pouco preocupado em instruir os professores, no que concerne a realidade ali presente, as dificuldades e particularidades da educação do e no Campo, sua história, suas lutas. Dar aulas em uma realidade específica, perseguindo um único modelo de currículo impactou a minha visão sobre o real caráter de transformação, que poderia estar ali ocorrendo se as identidades individuais e coletivas estivessem sendo respeitadas.

Passei a questionar a praticabilidade de ensinar geografia sem falar sobre o semiárido, de estudar matemática sem pensar na lida com a terra, de estudar história sem saber da história do local em que se vive.

Afinal, a quem estava sendo útil a falta de uma exposição detalhada das particularidades do meio rural, tendo em vista, que o público alvo dessas escolas são essencialmente crianças do meio, que tem como rede familiar grupo de pessoas que trabalham diariamente com a lida com a terra? Seria então a ideia da educação ali empregada, educar para deixar o Campo? Ou educar para ter ferramentas de crescimento e emancipação no próprio meio rural?

A partir desses questionamentos, passei a pensar minha formação de pedagoga, o ambiente que estou inserida do semiárido, e como poderia contribuir para a ideia de uma educação do e no Campo emancipadora, doze anos se passaram e só então pude firmar os meus questionamentos dentro de um programa, que lida diretamente com as questões do e no Campo, cursei diversas disciplinas onde tive pensamentos reforçados sobre a multiplicidade da zona rural, das diferentes formas em que a educação poderia ter um caráter transformador.

Durante a minha trajetória acabei por me empregar em um setor administrativo, onde a gestão de pessoas fica em evidencia, e onde pude perceber que o caminho da democratização dos espaços pode contribuir para o bom andamento das práticas, e como a tomada de decisões deve também conter esse viés democrático, o centro das decisões poderia então deixar de ter um só agente para ser o espaço onde todos participam ativamente.

Educação e democratização de práticas se mostram ferramentas efetivas no que diz respeito a transformação de realidades, já é conhecido o fato de que práticas autoritárias que centralizam a tomada de decisões nas mãos de poucos pode surtir o efeito de travar processos de emancipação do sujeito.

Afinal, educação para quem? para qual propósito? Me perguntei ao longo desses anos, tive o direcionamento de grandes autores ao longo das minhas práticas de leitura: Paulo Freire, Caldart, Mônica Molina, Mezáros.

O que consegui perceber é que tanto a educação quanto a própria forma que gerimos a sociedade, não valerão a pena, se não tivermos como foco a emancipação dos sujeitos, a construção de uma sociedade de pensadores críticos, conhecedores de sua realidade, ativos em sua educação, longe da esfera passiva de receber conhecimento. Como disse magistralmente Freire 1996 “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (p. 26).

### **1.1.2 O Programa em Extensão Rural**

Os dois anos que passei no mestrado de extensão rural foram de intensa atividade e prática, uma real imersão nas temáticas da extensão rural a diversidade de disciplinas, puderam facilitar a forma de enxergar a necessidade de se debater as temáticas ali desenvolvidas.

É certo que estamos inseridos no semiárido, estudar o meio ao qual se pertence é de grande valor, já que nos colocamos a par da própria realidade vivenciada. As visitas ao IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, aulas de campo, as discussões sobre o Rio São Francisco, são capazes de nos fazer refletir sobre partes muitas vezes negligenciadas da realidade.

O programa conta com um corpo docente que se mostra preocupado em discutir essas temáticas tão importantes, não faria sentido estudar as diversas facetas da extensão rural sem pensar as problemáticas, as adversidades vividas e a luta que hoje se desenha no meio rural.

No que diz respeito ao cenário de luta existe ainda muito a ser visibilizado, as problemáticas relacionadas ao Rio São Francisco, o fato deste estar passando por um momento de extremo descaso por parte das governanças e a influência dos grandes projetos que há anos prejudica, não só o rio, mas a sua população ribeirinha que tem este como sua forma de subsistência, muito foi conversado, nesse sentido as hidroelétricas, barragens aqui vizinhas do programa que como foi mostrado fizeram parte de um projeto de desenvolvimento que caminha na contramão da melhora da vida de nossa população.



Quando chegamos ao âmbito da educação do e no Campo o cenário ainda parece ser mais caótico, a bandeira ainda muito invisível tem sido levantada nas discussões na literatura. Através do programa de Extensão Rural, pude reconhecer o lugar ao qual decidi colocar meus esforços de estudo e militância, a educação que é um dos principais meios de transformação social não se faria diferente no Campo. É necessário lutar por uma escola pública de qualidade, que insira conteúdos contextualizados, que assim traga a realidade para a sala de aula. Na foto abaixo (figura 1), tem-se uma referência a momentos vividos dentro do programa, assim como na segunda imagem (figura 2), tem-se a referência ao cenário das aulas de campo.

**Figura 1.** Momento de integração dos alunos nas aulas de campo do programa de Extensão Rural - CRAD Centro de Referências de Recuperação de Áreas Degradadas das Caatingas (CRAD/UNIVASF).



Fonte: Acervo do autor, 2019

**Figura 2:**Registro fotográfico de vegetação nativa da Caatinga (CCA-Univasf) durante aula de campo - CRAD



Fonte: Acervo do autor, 2019

## 2. JUSTIFICATIVA

A necessidade do estudo e investigação em torno da temática da educação participativa no meio rural, se faz necessária dentre outros motivos, para que se possibilite a visão de uma educação que preze cada vez mais pelo viés democrático. A gestão escolar cumpre um papel fundamental no que diz respeito ao andamento da construção do conhecimento dentro das escolas. Estudar a gestão na escola rural se faz necessário porque é a partir dessa que as ferramentas pedagógicas poderão surgir e serem implementadas.

Como a educação do e no Campo é uma bandeira ainda recente, é importante que as mais diversas formas de melhoramento possam ser pensadas para contribuir com a pauta em questão. A educação do e no Campo, já nasce com viés democrático inclusivo. Às gestões que se encarregam das escolas situadas no meio rural devem estar comprometidas com as bandeiras ali colocadas, a busca por integração e valorização das subjetividades deveria fazer parte dos pilares das gestões inseridas.



Estudar a forma como as gestões se encarregam das escolas do e no Campo, pode abrir espaço para novas problematizações e novos percursos de estudo e luta. Dar voz ao homem do Campo é uma responsabilidade histórica, é fato que problematizar práticas engessadas com viés muitas vezes autoritários, é também problematizar o papel do estado na formulação dos currículos, afinal, as gestões não tem como incumbência recriar a forma curricular a eles entregue. O sintoma da falta de direcionamento do estado se mostra quando não há formação adequada de professores quando a realidade do meio rural não é vista em suas particularidades e os alunos, que estão inseridos na lida do Campo, estudam para praticamente deixar o seu espaço.

É necessário perceber que ao chamar atenção para o “desenvolvimento” do Distrito de Mandacaru II, também é possível questionar a quem se direciona este desenvolvimento? As comunidades já cansadas do discurso de geração de empregos, de “melhorias”, quando da existência dos grandes projetos do agronegócio percebem que esse discurso é por vezes enganoso. Já que no nosso caso, por exemplo, a educação que mesmo pela força da gestão não consegue entregar a seus alunos o estudo de sua própria realidade, que muitas vezes seria um grande ponto de partida para a emancipação de seus sujeitos.

A mesma população que está em meio aos grandes projetos de desenvolvimento, é aquela que por vezes carece de recursos básicos, que tem sua terra como alvo de grileiros, expulsões, deslocamentos. A formação educacional, poderia se mostrar uma ferramenta decisiva no que diz respeito à resistência contra esses ataques, o distrito de Mandacaru II conta com grande parte de sua população, sendo de pequenos agricultores, que seriam beneficiados com a integração da educação de seus filhos com as práticas do e no Campo.

As práticas da educação do e no Campo, embebidas do viés democrático, poderia então potencializar o caminho de desconstrução de um currículo que não tem diferenciações de realidades, assim, sem o viés democrático as ações se tornam o que sempre foram o rastro de um mandonismo registrado no nosso país, onde as decisões são hierarquizadas. Entendendo-se então, os atributos acima expostos, coloca-se a importância do estudo da educação do e no Campo com foco na área da gestão participativa, democrática e todas as implicações que esse papel resulta.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO E O TRABALHO DA GESTÃO

O movimento “Por uma Educação do Campo”, se diferencia do usual esforço de trazer escolas para o meio rural, além disso, propõe um estudo contextualizado da realidade que possa ser inserido nessas escolas após anos de mobilização, temos hoje novas experiências que demonstram a necessidade de trazer a realidade para a sala de aula.

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território. (CALDART, 2008, p. 71)

Por muito tempo a educação para o meio rural, foi discriminada como um espaço de educação que não era reconhecida como válida, a verdade é que o próprio campo brasileiro, foi um espaço relegado ao desenvolvimento e quiçá superações, suas populações então estariam fadadas a migrar para a vida urbana.

Caldart (2008), em suas contribuições para a coletânea “Por uma educação do Campo”, elucida a vontade de romper com os preconceitos a anos colocados no espaço rural:

Basta! de considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância (CALDART, 2008, p.75).

É interessante notar que a implementação de um novo molde de educação para o Campo, não poderá se fazer sem o aporte de métodos democráticos na educação. A gestão participativa, por sua vez, poderia contribuir para a mediação da implementação de práticas integrativas dentro da escola rural, já que, contando com a participação de todos, os aspectos pedagógicos poderiam tornar-se cada vez mais conectados com a realidade de seus alunos.

Nessa conjuntura a escola necessita se empenhar em conjunto com a comunidade escolar, visando construir juntamente com todos os integrantes da

mesma, caminhos que dirijam a uma educação empenhada com a modificação social. A gestão tem sim um papel de extrema importância, mas não será unicamente por intermédio desta que poderá ser realizado o trabalho em conjunto.

Esse entendimento da organização escolar como espaço de /aprendizagem, de compartilhamento de significados, conhecimentos e ação entre as pessoas, leva a valorizar muito mais as práticas de organização e gestão e por consequência, a atuação da direção e da coordenação pedagógica. Gerir uma escola deixa de ser algo apenas ligado a burocráticas. Se a escola, tanto quanto a sala de aula, é espaço de aprendizagens, pode – se deduzir que formas de funcionamento, normas, procedimentos administrativos, valores e outras tantas praticas que ocorrem no âmbito da organização escolar exercem efeitos, também, o inverso o que ocorre na sala de aula tem efeito na organização escolar. (LIBÂNEO, 2008, p. 13)

É importante frisar que dentro desta pesquisa, um modelo de educação será compreendido como aquele a ser perseguido, o modelo de educação que sirva como raiz para a emancipação dos sujeitos nela envolvidos, parte-se do princípio Freiriano, que percebe que o aluno deve ser parte ativa na construção do saber. “[e] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção.” (FREIRE, 1996, p. 199)

Portanto, ao pensar a gestão, aqui estamos focados principalmente naquela que está disposta a empenhar-se democraticamente no intuito de promover uma educação inclusiva e que respeite as diversidades encontradas, ao substituir o modelo autoritário, pelo democrático, permite-se à educação cumprir o seu papel de transformadora de meios sociais.

Muitos dirigentes escolares foram alvos de críticas por práticas excessivamente burocráticas, conservadoras, autoritárias, centralizadoras. Embora aqui e ali continuem existindo profissionais com esse perfil, hoje estão disseminadas práticas de gestão participativa, liderança participativa, atitudes flexíveis e compromisso com as necessárias mudanças na educação. Como mostra o autor, algo considerado de extrema importância para o gestor (LIBÂNIO,2004, p.217)

No que diz respeito a educação do e no Campo, esta já nasce revolucionária, o seu apelo está na vontade de construir um espaço educativo que consiga penetrar na realidade do e no Campo e no histórico de suas lutas, assim, partimos do princípio que a educação deve estar permeada de vontade de fazer nascer a consciência política, preparar sujeitos que estejam na vanguarda de enfrentamento das desigualdades, enfrentadas pelas populações rurais.

A Educação do Campo nasceu tomando/precisando tomar posição no confronto de projetos de Campo: contra a lógica do Campo como lugar de

negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente, a afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões, necessidades, formas. E ao nascer lutando por direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse a sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (CALDART, 2008, p.71)

### 3.2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO

A educação rural foi depois de muito tempo incorporada a assuntos institucionais e governamentais, a partir do momento em que surge enquanto prática educacional, nasce ligada a visão de que deve diferenciar-se dos rumos da educação urbana. A educação rural não foi nem sequer mencionada nos textos constitucionais até 1891 (Brasil, 2002). Ao fazer um panorama geral, consegue-se entender a importância da construção da educação do e no Campo aliada a construção da consciência política, na bandeira do respeito a diversidade cultural e da própria utilização dos saberes tradicionais na construção do conhecimento. Segundo Leite 1999:

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (anônimo) ( p.14).

Nos anos 1930 consegue-se enxergar uma discussão mais profunda sobre o homem rural. É na constituição de 1934, que está inserida uma das primeiras preocupações e disponibilização de verba estatal para o que se denominou “ensino rural”, posteriormente o jogo ficou entre o estado, que dava à iniciativa privada o dever de prover educação para os povos do Campo (1964) e em reconhecer que toda a prática educacional relegada ao Campo tinha como fim transformar aquele homem em alguém pronto para o meio urbano, o espaço rural foi visto como atrasado e o pouco que se conseguia não era suficiente para prover educação para o meio rural.

O Estado brasileiro omitiu-se: (1) na formulação de diretrizes políticas e pedagógicas específicas que regulamentassem como a escola do campo deveria funcionar e se organizar; (2) na dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e a manutenção de uma escola com qualidade em todos os níveis de ensino; (3) na implementação de uma política efetiva de

formação inicial e continuada e de valorização da carreira docente no campo (BRASIL, 2005, p.7).

Na constituição federal de 1988, com a Lei de diretrizes e bases (LDB 9394/96), consegue-se perceber maior ênfase ao ensino rural aqui se tem o resultado de anos de lutas e enfrentamentos, à posição de margem ao qual o Campo foi colocado. Entre as modificações colocadas na LDB estão:

I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB 9.394/96, art. 28, 1988)

O crescente levante das populações do e no Campo, tem acirrado a cena política, no sentido de criar políticas públicas de incentivo a educação do e no Campo. Todos os avanços alcançados pelas comunidades tradicionais, são frutos de suas reivindicações, portanto, se faz necessário a inclusão do conhecimento de suas próprias causas no fazer da educação do Campo das questões do meio que o rodeiam, Mônica Molina explana sobre o tema a ideia de que:

Educação nessa área é muito mais do que uma proposta pedagógica. Ela está associada à visão de Campo, de desenvolvimento e da função do meio rural na sociedade brasileira. O objetivo não é, de maneira alguma, fixar as pessoas onde estão. Apesar disso, um dos princípios é garantir a elas o direito de acesso ao conhecimento sobre o local onde vivem, que garante sua sobrevivência social e material, além dos saberes universais, para que decidam se querem ficar ali ou, caso contrário, tenham condições de viver na cidade (MOLINA, 2012, s/ p.).

Esquecer o viés do e no Campo para o Campo, é confirmar o caminho tomado pelas governanças ao longo dos tempos, de marginalização das questões das populações do Campo. A educação, que pensa em emancipar seus sujeitos não pode roubar-lhes sua identidade e a apreensão de seu modo próprio e único de vida.

A materialidade educativa de origem da Educação do Campo está nos processos formadores dos sujeitos coletivos da produção e das lutas sociais do campo. Por isso, ela desafia o pensamento pedagógico a entender estes processos, econômicos, políticos, culturais, como formadores do ser humano e, portanto, constituintes de um projeto de educação emancipatória, onde quer que ela aconteça, inclusive na escola (CALDART, 2008, p.81)

Diante dessas problemáticas, Leite (1999), Arroyo, Caldart e Molina (2004), afirmam que, nas últimas décadas do século XX assistimos a uma instigante presença dos sujeitos do e no Campo na cena política e cultural do País, como por exemplo, os

movimentos sociais do Campo. Tais sujeitos se mostram diferentes e exigem respeito, denunciam o silenciamento e o esquecimento por parte dos órgãos governamentais e lutam por uma escola do e no Campo, que não seja apenas um arremedo da escola urbana e sim, uma escola que esteja atenta aos seus sujeitos específicos.

Segundo Caldart (2008), é importante ter em mente o que está em questão na Educação do e no Campo, pensada na tríade: Campo – Política Pública – Educação e desde os seus vínculos sociais de origem, uma política de educação da classe trabalhadora do e no Campo, para a construção de outro projeto de Campo, de país e que pelas circunstâncias sociais objetivas de hoje, implica na formação dos trabalhadores para lutas anticapitalistas, necessárias a sua própria sobrevivência como classe, mas também como humanidade. Formação que inclui a afirmação de novos protagonistas para pensar e construir esta política: os próprios trabalhadores do e no Campo, como sujeitos construtores de seu projeto de formação. Ou seja, são os trabalhadores que fundamentalmente não podem perder a noção da tríade e do projeto mais amplo e diga-se, estamos nos referindo a uma política que não se reduz à política pública, mas que precisa incluir políticas de acesso à educação pública para o conjunto das famílias trabalhadoras do e no Campo.

### 3.3 GESTÃO PARTICIPATIVA NAS ESCOLAS

A gestão tendo vias então de conversar e trabalhar com pessoas, patrimônio, história, tem um papel fundamental no desenho da educação do Campo. Deixar-se-á claro aqui, que não será somente através do papel da gestão que se possibilitou a investigação, as maneiras já utilizadas do trabalho interdisciplinar do gestor, também foram requeridas. Assim, investigar a maneira como se dá essa relação é de extrema importância. O gestor, tendo então que lidar com recursos, pessoas, espaço físico, pode encontrar diversas formas de fazê-lo. Procura-se então aqui encontrar os desdobramentos das ações dos gestores e como elas contribuem para o desenvolvimento e funcionamento das relações e práticas pedagógicas do e no Campo. Luck (2012) versa sobre a gestão, salientando que:

A gestão escolar, como área de atuação, constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos



processos necessários à afetividade das ações educacionais para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos (LUCK, 2012, p.23).

O papel da gestão deve estar para além dos afazeres cotidianos, comprometida com o bem coletivo, com a intenção de fazer com que todo o corpo esteja presente nos procedimentos pedagógicos, a gestão se coloca como parte de extrema importância nos rumos que ali serão traçados. É importante reafirmar que entende-se o lugar da educação como um espaço de transformação social e emancipação de sujeitos, sob essa óptica a gestão terá a tarefa de administrar um ambiente democrático que preza pela autonomia da escola e de seus alunos. PELETTI (2013), ao discorrer sobre as formas de gestão entende a necessidade da gestão que se preocupa com o viés democrático:

(...) Mas isso depende do conhecimento político e envolvimento social que a equipe de gestão tem com a educação e com a sociedade. Uma gestão mais participativa que provoque e promova ações voltadas à realidade escolar no intuito da promoção da qualidade da vida é fundamental, por exemplo, para construção da proposta ou Projeto Político Pedagógico que pode ser dinâmico na mudança contemporânea.

Embora seja bastante difícil devido à diversidade de opiniões e ideologias presentes dentro da escola, acredito que, aos poucos é possível sim, através das nossas ações diárias contribuir para esta transformação. A gestão constitui um importante espaço onde a totalidade das ações da escola sejam elas políticas ou pedagógicas são definidas por toda a comunidade escolar. Pensar em mudanças sociais implica pensar no coletivo, impera mudanças que sejam construídas e praticadas com a participação de todos os cidadãos partícipes de uma região, cidade etc. (PILETTI, 2013, p.18)

Ao pensar a gestão deve-se entender que o projeto de educação ali inserido precisa conter conjuntamente um projeto de sociedade, a formação política dos gestores, a vontade de construção de um ambiente cercado de pensamento crítico deve ser uma das metas das gestões, a educação que se almeja deve estar comprometida com a emancipação do sujeito. A educação participativa é um desdobramento do que começou por se chamar “gestão participativa” muito empregada do âmbito trabalhista, dentro da relação de trabalho contida nas empresas e principalmente no vislumbrar de uma liderança “gestão” não autoritária do meio de trabalho, ou seja, todos fariam parte do escopo de decisões e na própria construção das tarefas e do ambiente.

Três tendências globais são encontradas a este respeito: a) a gestão participativa como um elemento significativo entre as variáveis identificadas em “escolas eficazes” b) a mudança do papel do gestor na gestão da escola;

c) os vários elementos da tendência para autonomia escolar ou gestão descentralizada (LUCK, 2012, p.19)

Por outro lado, no final dos anos 70 passou-se a escrever sobre a tentativa de implementação dessas práticas participativas no âmbito educacional, é fato que nos dias atuais percebem-se experiências que confirmam o sucesso dessas práticas correntes de educação participativa /existentes dentre elas: o debate sobre a gestão participativa, como um elemento entre as variáveis identificadas em “escolas eficazes”; a mudança no papel do gestor na gestão escolar; elementos da tendência para autonomia escolar ou gestão descentralizada.

A abordagem das escolas eficazes parte do princípio que certos parâmetros, como nível de aprendizado podem falar sobre a eficácia da escola enquanto instituição de ensino.

Esta abordagem pretende identificar as qualidades de cada escola que fazem a diferença, com relação a certos resultados como nível de aprendizagem e a reputação da escola na comunidade. (LÜCK, HELOÍSA...[et a,l..] : 2012 p.24)

Parte-se do princípio que o planejamento participativo e a relação entre professores em consonância com um ensino que promove integração, unidade e propósitos comuns entre todos, são características de escolas eficazes.

As pesquisas sobre a eficácia escola indicam que “as características organizacionais das escolas são responsáveis por 32% na variação do desempenho dos alunos entre as escolas” (LÜCK, HELOÍSA.[et al..]2012 p.24)

O sentimento de comunidade é então uma base essencial da escola eficaz, esse mesmo sentimento promove integração entre os membros do corpo escolar, aqui o gestor necessita da capacidade de trabalhar para construir em conjunto a escola.

Existem pesquisas (Eberts & Stones, 1988), que falam sobre os aspectos positivos de ter-se em meio a uma gestão participativa, uma determinada liderança da parte do gestor. Por liderança não se pode compreender a visão autoritária do fazer da gestão ao que se tem por costume de um ambiente hierarquizado onde as decisões são tomadas de cima para baixo. Na verdade, o papel de liderança do gestor quando se tem o ideal participativo está diretamente ligado às escolas eficazes em padrão de aprendizagem. Quando parte da gestão a vontade de fazer de sua liderança um processo integrativo consegue-se perceber uma visão mais organizada do fazer pedagógico.

As práticas de liderança em escolas altamente eficazes incluem apoio para o estabelecimento de objetivos claros, proporcionalmente de visão da boa escola e encorajamento dos professores, ao auxiliá-los nas descobertas dos recursos necessários para que realizem seu trabalho. As escolas bem-sucedidas são caracterizadas pela delegação da gestão aos professores e tomada de decisões autônomas, em sala de aula, assim como peça boa integração profissional entre os professores (PURKEY & SMITH, 1983; BRANDT, 1987. 427)

O modelo de descentralização da educação está ligado a emblemas como, autonomia escolar no processo decisório escolar e gestão escolar. “A ênfase se dá na gestão escolar democrática visando construir a autonomia da escola, assumida pelos sistemas educacionais brasileiros e coerentes com as tendências mundiais para a educação.” (Lück, Heloísa. [et al..] p :27)

No que diz respeito à esfera da inovação, as experiências participativas tem obtido espaço, essas inovações dizem respeito a mudanças nos currículos, na avaliação dos alunos, no planejamento interdisciplinar e no ensino inovador, porém a burocracia tem adentrado quando o assunto é sobre o desenho organizacional, um caso digno de nota diz respeito a uma experiência inglesa em que puderam reorganizar os recursos provindos de todos os itens de seu orçamento.

O reforço mútuo da equipe, o tempo para a troca entre os professores, momentos de aproximação com a comunidade, são de extrema importância no que diz respeito a feitura de um ambiente de autonomia na escola.

### 3.4 COMO A EDUCAÇÃO PODE SER TRANSFORMADA ATRAVÉS DA DEMOCRATIZAÇÃO DOS PROCESSOS PEGAGÓGICOS

A intenção de inserir a gestão participativa na educação é de gerar uma rede democrática de ensino, onde gestores, professores, alunos, comunidade e família fazendo parte do ambiente escolar consigam construir os saberes.

Em tese, toda gestão participativa pressupõe o trabalho em grupo e a lida com diferentes contextos individuais, o esforço coletivo e suas associações, o conceito em questão versa principalmente sobre a descentralização da tomada de decisões no ambiente escolar, (aqui especificamente) Heloísa Luck no livro: “A Escola Participativa”, constrói um pequeno arcabouço de direcionamentos da especificidade que deve conter na abordagem participativa da escola, segundo a autora é muito fácil corromper o ideal que se apresenta de participação em um simples emaranhado de “deve ser” e no poder decisório de um que chama os demais às ações participativas,

fato que desto do princípio fundante da organização da gestão participativa no ambiente escolar.

A abordagem participativa na gestão escolar demanda maior envolvimento de todos os interessados no processo decisório da escola, mobilizando-os, da mesma forma, na realização das múltiplas ações da gestão. Esta abordagem amplia, ao mesmo tempo, o acervo de habilidades e de experiências que podem ser aplicadas na gestão das escolas, enriquecendo-as e aprimorando-as. Embora não haja uma única alternativa de se implantar um sistema de gestão escolar participativa, é possível identificar alguns princípios gerais dessa abordagem. Esta identificação é realizada nos mais bem-sucedidos exemplos da gestão escolar participativa, nos quais se observou que os seus gestores adotam em comum certas práticas, como por exemplo: dedicam uma quantidade considerável de tempo à capacitação profissional e ao desenvolvimento de um sistema de acompanhamento escolar, e ao desenvolvimento de experiências pedagógicas caracterizadas pela reflexão-ação.” (LÜCK, HELOÍSA. [ et al 1996..] p.18)

É interessante notar a propaganda, face do cidadão comprometido com a sociedade que é exigida na forma da sociedade civil e do Estado. É também interessante perguntar-se, o porquê do distanciamento desse mesmo cidadão do escopo da tomada de decisões e da própria conscientização desse no que diz respeito a sua realidade ao seu alcance a educação e como participa da construção da mesma, se é apenas um agente passivo dessa construção ou atua firmemente no sentido de sua emancipação. Para haver consciência é então necessário agarrar-se a ferramentas que busquem democratizar o curso da educação, o que de fato não é fácil, tendo em vista uma estrutura capitalista em que todo o esforço que se faz no sentido de mudar e desfalcar a dominação e exploração por meio da educação só será possível se junto às ferramentas escolhidas, caminhe-se rumo a uma mudança de fato estrutural na forma da sociedade, Meszáros (2005) salienta que:

O papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (...) Portanto não é surpreendente que na concepção marxista a “efetiva transcendência da autoalienação do trabalho” seja caracterizada como uma tarefa educacional. (MESZÁROS, 2005 p.55)

É imprescindível frisar que a adoção da ferramenta de gestão participativa é um paliativo no que diz respeito ao grande processo de mudança social que a educação pode encabeçar. A educação participativa poderá contribuir para esse processo tornando horizontal a tomada de decisões, ou seja, inserindo valores democráticos no ambiente escolar e nos infindáveis âmbitos de aprendizagem que estão conectados

com toda a vida de uma pessoa. Isolar a educação dentro do ambiente escolar pode também ser um grande risco, portanto os ideais participativos cumprem também a tarefa de transformar o todo, comunidade, corpo escolar e alunos em agentes que participam ativamente.

Compreende-se também a dificuldade contida em pôr em prática os valores da educação participativa, os gestores enxergam dificuldade em organizar o processo, muitas vezes algumas partes não conseguem contribuir, a organização burocrática dos processos pedagógicos (PPP - Projeto político pedagógico, avaliações), muitas vezes ficam na mão de só uma categoria, mas segundo (Luck 1996) é notório que uma cultura não se transformará tão rapidamente, os vícios da centralização do poder no âmbito educacional permanecem vivos no imaginário popular e dos próprios técnicos, a educação ainda está dominada pela ideologia do ganho da mercadoria. São necessárias ferramentas que busquem a transformação paulatina das ações do “todo”, que está contido a educação, esse esforço em sua maioria deverá partir dos gestores escolares que precisam passar por um processo de formação contínua para que possam contribuir firmemente para a participação efetiva de todos no processo educacional, Heloísa Luck (1996) pontua alguns caminhos que podem ser tomados para a facilitação desse processo:

- 1) Criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperação;
- 2) promover um clima de confiança;
- 3) valorizar as capacidades e aptidões dos participantes;
- 4) associar esforços, quebrar arestas, eliminar divisões e integrar esforços;
- 5) estabelecer demanda de trabalho centrada nas ideias e não em pessoas
- 6) desenvolver a prática de assumir responsabilidades em conjunto (p. 13)

Os gestores participativos tem como direcionamento a gestão compartilhada, neste meio o poder é dividido com representantes da comunidade escolar e local e as responsabilidades são assumidas em conjunto. Por fim é interessante notar que há um extenso caminho para a realização dos temas da educação participativa, fato é que hoje conta-se com uma vasta literatura que pode auxiliar o emprego de tais ideais em escolas e formas educativas.

[...] e considerando que uma sociedade democrática só se desenvolve e se fortalece politicamente de modo a solucionar seus problemas pode contar com a ação consciente e conjunta de seus cidadãos, não deixa de ser paradoxal que a escola pública, lugar supostamente privilegiado do diálogo e do desenvolvimento crítico das consciências, ainda resista tão fortemente a propiciar, no ensino fundamental, uma formação democrática que ao proporcionar valores e conhecimentos, capacite e encoraje seus alunos a

exercerem ativamente sua cidadania na construção de uma sociedade melhor (PARO 2000, p. 41).

### 3.5 LOCAL DE ESTUDO

A escola escolhida para ser empreendida a pesquisa está situada no Distrito de Mandacaru II, uma extensão do projeto Mandacaru I, que a partir do ano de 2016 se tornou Distrito do município de Juazeiro Bahia. Segundo o site da Codevasf:

O Projeto Mandacaru foi construído no período de 1971-72. Já 1971, quando sua ocupação e operação abrangia uma superfície de 419 ha, ocupada por 54 lotes de pequenos irrigantes em 368 ha e por 2; lotes empresariais em 51 ha<sup>1</sup>. Emancipado por meio da Portaria do Ministério da Agricultura de nº 614/89, o projeto tem sua água captada do rio São Francisco por uma estação de bombeamento e por meio de uma adutora chega a um reservatório do qual é distribuída aos lotes por uma rede de canais. Dentre a infraestrutura social constam dois núcleos habitacionais servidos com abastecimento de água tratada, sendo um deles provido de centro técnico-administrativo, centro social, escola, creche, posto de saúde e posto policial. Em 2010, a conversão do sistema de irrigação por sulcos para o de irrigação localizada (micro aspersão e gotejamento) colaborou para o aumento da produção, principalmente das culturas de ciclo curto, o que possibilitou a utilização de novas tecnologias à produção. Encontram-se ocupados atualmente uma área irrigável total 450 ha.

O projeto teve como nome Mandacaru em razão da planta encontrada no semiárido nordestino, conhecida por sua capacidade de armazenar água em dias de chuva para sobreviver na época da seca, envolto de espinhos brota uma flor característica de enorme beleza. O distrito de Mandacaru foi o primeiro perímetro irrigado da região Abgaela Martins, escreve para a revista multiciência online e traz relatos de moradores da região, inclusive de um dos fundadores do projeto, Pedro Bernardino conta que surgiram depois do Distrito de Mandacaru alguns lugares com o mesmo nome, salienta a importância de reconhecer o lugar como o primeiro, conta também que quando os agricultores tomaram posse dos lotes de irrigação investiram na plantação de arroz, mas essa cultura não se adaptou ao ambiente, já o cultivo de tomate, cebola e anos mais tarde o melão proporcionou riquezas e modificação na infraestrutura do lugar. Estima-se a geração de 531 empregos diretos e 796 empregos indiretos, com uma produção de 11.795 T de alimentos em 2018<sup>1</sup>.

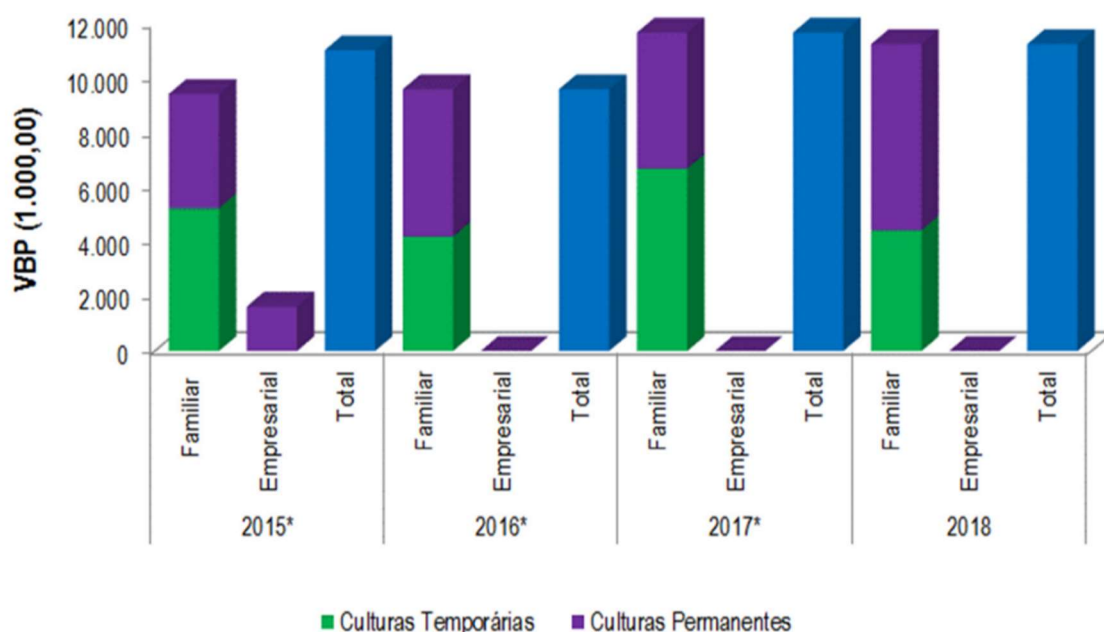
O distrito de Mandacaru hoje reúne escolas que vão da educação infantil ao fundamental II, a Escola Municipal 25 de Julho é referência na região, com um IDEB

---

<sup>1</sup> Segundo o site da [codevasf.gov.br](http://codevasf.gov.br) a geração expressiva de empregos é uma das grandes conquistas desde a instituição do Distrito de Mandacaru.

que é a meta do município, boa infraestrutura, consegue desenvolver as potencialidades dos alunos para adentrar ao mercado de trabalho, a problemática presente está no fato de que mesmo situada na zona rural não se reconhece como uma escola do e no Campo, não contemplando práticas contextualizadas<sup>2</sup>. O meio rural se faz sede do distrito de Mandacaru e suas escolas. O distrito de Mandacaru é o primeiro perímetro irrigado da região, tendo como principal atividade a agricultura. Na figura 3 pode-se notar o crescimento da região baseado na evolução do valor bruto de produção e na imagem seguinte figura 4, tem-se as principais espécies cultivadas no Distrito de Mandacaru.

**Figura 3 .** Evolução do Valor Bruto de Produção do Distrito de Mandacaru, entre os anos 2015 e 2018



\*Valores atualizados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) – Dezembro 2018

Fonte: [codevasf.com.br](http://codevasf.com.br)

<sup>2</sup> A materialidade educativa de origem da Educação do Campo está nos processos formadores dos sujeitos coletivos da produção e das lutas sociais do campo. “Por isso, ela desafia o pensamento pedagógico a entender estes processos, econômicos, políticos, culturais, como formadores do ser humano e, portanto, constituintes de um projeto de educação emancipatória, onde quer que ela aconteça, inclusive na escola” (Caldart, 2008,81)

**Figura 4.** Principais espécies cultivadas no Distrito de Mandacaru, de acordo com o VBP, no ano de 2018.



Fonte: codevasf.com.br

### 3.6 ESCOLA CAMPO

Situada no distrito de Mandacaru II, a Escola Municipal 25 de Julho tem avaliação do IDEB 2020 número 6.0, o nome da escola faz referência ao dia da agricultura familiar dia 25 de julho marcado em seu nome a história da vila que deu origem a esse grande projeto que é o Mandacaru II, atualmente conta com a gestora que além de ser classificada em um processo seletivo teve também o apoio da comunidade para exercer seu cargo, tem em seu período de gestão a marca da integração da comunidade e da família nos processos educativos da escola, além da gestora faz parte da gestão, a coordenadora e a secretária. A escola conta com vinte e oito funcionários.

Em sua infraestrutura contém Instalação de ensino adequada, assim como



alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, fossa, lixo destinado à coleta periódica, instalação de ensino, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, pátio coberto, área verde e lavanderia. Tem em seu corpo discente 259 alunos e docente 18 professores, a comunidade do Mandacaru conta em média com 1000 pessoas em sua população.

Apesar de conter boas instalações a escola não utiliza todos os espaços disponíveis, é notório o espaço dentro da escola que poderia ser utilizado como horta fornecendo assim uma atividade contextualizada para os alunos, mas acaba se tornando um espaço “em branco”, que só “está” dentro da escola, a falta de uma quadra de esportes também é sentida pelos alunos e gestores que reclamam da falta de um ambiente adequado no qual os obriga a praticar esportes no clima quente característico do Vale do São Francisco.

De acordo com os gestores os eventos são abertos à comunidade em geral, mas na maioria das vezes a parte da comunidade inserida é composta geralmente pelos pais dos alunos da escola.

A fala das membros da escola demonstra ser de uma comunicação aberta com a comunidade e ativa participação do todo, segundo eles a escola é sempre visitada pelos pais dos alunos, a equipe está sempre concentrada em trazer um ambiente lúdico e democrático.

O calendário de práticas integrativas é também uma marca da escola, a gestora entende a necessidade da comunidade participar de todos os momentos de construção pedagógica da intuição, por isso traz eventos que marcam a história da comunidade para a realidade escolar, como a festa dos colonos, os conselhos, a gestora frisa a necessidade de uma educação libertadora e entende que essa só será conquistada com a participação de todos.

As imagens a seguir, localizam no mapa a Escola Municipal 25 de julho (figura 5), onde pode-se perceber o espaço de qualidade que a escola pode utilizar para a execução de suas atividades, logo após, temos um mapa do próprio distrito de Mandacaru (figura 6), que é um distrito relacionado a cidade de Juazeiro-Ba. Distrito rico com sua história e tem papel importante por sua produção de agricultura irrigada,

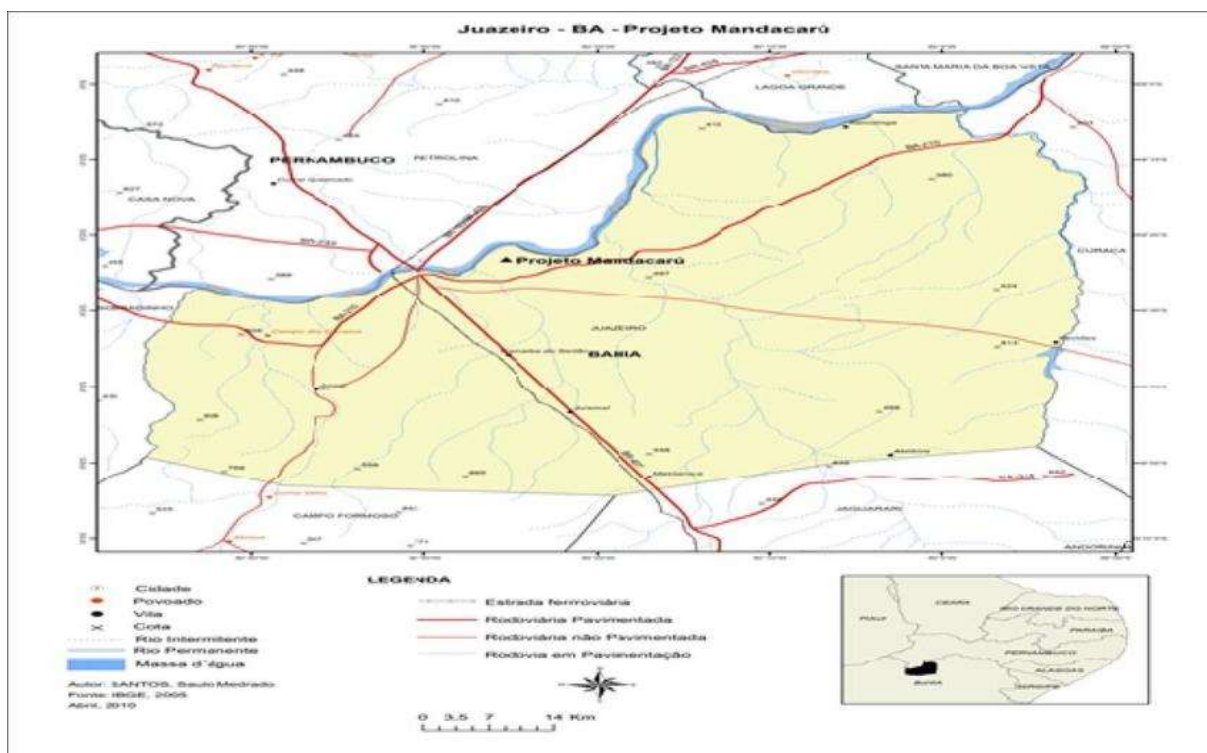
trazendo ainda mais riqueza para o município.

**Figura 5.** Imagem do Google Maps da localização da Escola 25 de Julho no Distrito Mandacaru II, em Juazeiro-BA.



Fonte Google Maps. 2019

**Figura 6.** Mapa da localização do Projeto Mandacaru, distrito de Juazeiro-Ba, localizado no semiárido nordestino.



Fonte: Google Maps, 2019.

Construída no ano de 1989, ano de surgimento do projeto Mandacaru II, a Escola Municipal 25 de Julho passou a funcionar com pequenas turmas multisseriadas, fundada pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e posteriormente assumida pelo município de Juazeiro/Ba.

Com o crescimento do Distrito, a escola ganhou mais turmas, foi ampliada e atualmente conta com uma gestão que tem feito esforços no sentido de tornar a escola cada vez mais integrada a comunidade, a gestora conta que a conquista mais recente foi o ensino fundamental II e a educação para Jovens e adultos na escola. As práticas integrativas da escola chamam atenção para o interesse da gestão em promover um ambiente democrático na escola. A figura 7 configura a fachada da escola e a seguinte (figura 8) a fachada interna, que segundo a diretora teve mudanças grandes desde a inauguração da escola. A ampliação se deu pela necessidade de contemplar as novas turmas, a nova quantidade de alunos.

**Figura 7.** Apresenta a fachada de entrada da Escola Municipal 25 de Julho, local de portas aberta sempre para recepção dos alunos, pais e comunidade em geral.





**Figura 8.** Apresenta a parte interior da fachada da escola 25 de julho, onde temos na imagem a entrada principal da escola que dá acesso primeiramente a parte da direção



Fonte: Acervo do autor, 2019.

As imagens a seguir tratam de momentos por vezes relatados pelos membros da escola, as festas e homenagens, o famoso dia do colono (figura 11), que tem uma comemoração significativa da escola, além do próprio nome da escola (25 de Julho), que é o dia da comemoração. Na figura 10, os jogos escolares momento muito apreciado pelos alunos, assim como por seus pais que na figura em questão estão ao lado de seus filhos para a foto de comemoração. Momentos como esses incentivam o ambiente que vai além da sala de aula promovendo uma educação que contemple também a prática além da teoria.

A figura 12 é de um momento importante para a escola e comunidade, as reuniões que segundo a diretora acontecem de forma recorrente e que são momentos onde a escola se comunica de forma direta com a família, que são imprescindíveis na construção de uma escola participativa, fazendo parte de todo processo de transformação da educação, participando ativamente das avaliações, do planejamento, da formação de hábitos e atitudes com um acompanhamento efetivo, tornando a família parte das decisões da escola, assim auxiliando e participando da construção de eventos e de atividades impactando de forma direta a educação de seus filhos.

**Figura 9.** Confraternização da equipe pedagógica e técnica da Escola Municipal 25 de Julho, momento de pensar ações da escola.



Fonte: Acervo da escola, cedido pela gestora

**Figura 10.** Foto dos participantes de jogos escolares, podemos reconhecer pais de alunos fazendo parte do momento da Escola Municipal 25 de Julho.



Fonte: acervo da escola, cedido pela gestora.



**Figura 11.** Alunos da Escola 25 de Julho em evento relacionado ao dia do Colono, dia do pequeno produtor, evento que foi realizado nas ruas do distrito de Mandacaru.



Fonte: acervo da escola, cedido pela gestora.

Evento que integra a história da comunidade com a escola, a educação infantil tem atividades que integram o lúdico com a história local.

**Figura 12.** Imagem de pais, alguns alunos e direção pedagógica na reunião de pais e professores da escola 25 de julho, momento de troca e integração.



Fonte: acervo da escola, cedido pela gestora.

A integração da comunidade com a escola, pode ser vista nessa foto (figura 12), para a pedagoga gestora da escola, esses momentos são frequentes para a escola 25 de julho, a escola por vezes se torna extensão da vida familiar dos alunos.

## 4. OBJETIVOS

### 4.1 GERAL:

Avaliar a contribuição da gestão na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos da Escola Municipal do e no Campo 25 de Julho no Distrito de Mandacaru em Juazeiro-BA.

### 4.2 ESPECÍFICOS:

- Avaliar a contribuição do trabalho da gestão escolar, no desenvolvimento da educação do e no Campo da Escola Municipal 25 de Julho;
- Procurar entender os problemas decorrentes, da falta de contextualização do ensino do e no Campo, com as subjetividades dali decorrentes;
- Investigar o relacionamento da gestão escolar, com a comunidade local;
- Identificar os usos e atributos do patrimônio físico da escola, no desenvolvimento da educação da Escola Municipal 25 de Julho;
- Buscar compreender que vantagens podem conter na utilização de práticas democráticas na gestão escolar.
- Elaborar o produto do mestrado que tem como objetivo através de um livreto, levantar a bandeira “Por uma educação do Campo”.



## 5. METODOLOGIA

### 5.1 TIPO DA PESQUISA

A pesquisa aqui empreendida teve um delineamento qualitativo. Considera-se a parte subjetiva da pesquisa para além de números e regras. Propomos entrevistas de caráter semiestruturado com os docentes, gestores e comunidade, ou seja, com os possibilitadores do funcionamento da escola rural. A entrevista semiestruturada, segundo Manzini (1990/1991, p.154), pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas, entrevistas de conteúdo fluído e que abram à fala a quem se quer dar voz.

A entrevista fez emergir as questões relacionadas à gestão da escola, como essa se envolve nos assuntos relacionados ao campo, além disso a observação participante poderá mostrar o uso que se faz do patrimônio na escola. Foi questionado na entrevista as diferenciações que são (ou não) feitas entre a educação do e no Campo e a educação urbana.

A partir das entrevistas também foram questionadas a relação da escola com a comunidade rural que a rodeia., dentro da percepção do que se pretende demonstrar, sobre as atribuições da gestão dentro de campo é importante entender a necessidade do pesquisador em conseguir um exame objetivo em meio à investigação, compreende-se a dificuldade de uma pesquisa neutra e sabe-se que a muito tempo as ciências sociais vem entendendo que o trabalho do pesquisador não está incisivamente ligada a sua objetividade, mas sim na tentativa da alteridade, que é o desejo e compromisso de enxergar o outro pelo próprio olhar alheio.

### 5.2 CAMINHOS ESCOLHIDOS PARA A ENTREVISTA

Na escola do Mandacaru foi escolhida a sala da coordenação para a conversa com os docentes/gestores e também com os alunos, previamente foi combinado a necessidade da extrema privacidade das conversas, cada pessoa foi entrevistada separadamente, respeitando os limites pessoais de cada participante, no tocante aos assuntos tratados como foi colocado acima, a base das entrevistas e suas

características foram mostradas previamente aos participantes. Além da garantia de sigilo e confidencialidade, o resultado das entrevistas foi colocado para os participantes (cada um teve acesso ao resultado de sua própria entrevista) e só depois da autorização foi colocado no trabalho os resultados finais.

### 5.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com a diretora da escola, a coordenadora da escola, três professores do ensino fundamental I e II, mãe de aluna e quatro alunas da escola. Todos foram entrevistados na Escola Municipal 25 de Julho, localizada no Distrito de Juazeiro-Bahia, Mandacaru II.

### 5.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os instrumentos utilizados para a concretização da pesquisa foram: entrevistas semiestruturadas, observação e coleta de dados, a utilização das entrevistas de forma semiestruturada foi de enorme ganho para o andamento da pesquisa, o contato direto com os entrevistados possibilitou uma série de questões a serem inseridas no trabalho, além de contribuir para a visão da própria Escola Municipal 25 de Julho. Além disso, o olhar atento do pesquisador para com o ambiente estudado pode ser confrontado com a visão dos demais participantes, sobre as primeiras impressões e sobre o que de fato acontece na escola. Além disso, a coleta de dados sobre o distrito de Mandacaru II e sobre a escola contribuíram para o enriquecimento do trabalho e a consequente aferição das questões colocadas.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 ESCOLA 25 DE JULHO

O ano em que se escreve essa dissertação é 2020, ano em que o mundo enfrenta uma pandemia, onde as escolas pararam, os sujeitos se reservaram em suas casas, para a proteção do coletivo.

O começo do ano trouxe a expectativa de mergulhar no mundo da escola do e no Campo, fato que não foi possível da forma que imaginava, mas com certeza

ocorreu de forma a possibilitar uma rica pesquisa num local que pode confirmar ser de imensa diversidade e possibilidades.

A Escola Municipal 25 de Julho abriga ensino fundamental I, II e o EJA, está localizada no Distrito de Juazeiro/Ba, Mandacaru II, a escola se coloca como uma escola rural, mas o currículo não traz diferenciações com o da rede de ensino urbano, ou seja, as práticas curriculares não são contextualizadas de acordo com as vivências do Campo, abrindo uma série de problematizações quanto a necessidade de uma escola do e no Campo para o Campo.

Apesar da problemática da falta de contextualização, a escola e seu corpo docente não medem esforços no que diz respeito a ambientar as práticas educativas, apesar do currículo não fornecer este aparato, parte da própria escola a imersão no contexto rural, para a contextualização dos conhecimentos. A coordenadora relata sobre o seu entendimento acerca da gestão democrática:

A gestão democrática ela ocorre através da troca de ideias, da troca das parcerias, a troca de experiências, isso a gestora vem fazendo muito bem. O que se entende pela gestão participativa é aquela que procura trabalhar coletivamente, pensando em um bem maior, em uma educação pautada em atender todos aqueles que estão inseridos, toda comunidade, todo alunado, todos os professores em si, todos os que fazem parte da escola, ela funciona favorecendo a construção de boas relações, troca de ideias, a realização de um trabalho em conjunto: escola, família, comunidade e todos aqueles que estão inseridos na escola, em prol do ensino de qualidade e assim se garantir um ideb de maior índice, nossa escola está bem com ideb 6, no fundamental 1 é um ideb na média, mas estamos bem no fundamenta 2, isso é fruto de um trabalho coletivo, é fruto de um trabalho que promove, um trabalho conjunto, consciente e voltado para qualidade de ensino. Aqui cada um faz a sua parte, mas também trabalha em parceria, isso se dá devido a gestão que faz sua gerência, em parceria com a comunidade, ela procura zelar, com olhar bem atento, em todos os aspectos, com objetivo de proporcionar um ensino de qualidade.

A chegada ao Distrito de Mandacaru II, percebeu-se que é um lugar menor do que o Mandacaru I, com poucas escolas, me surgiu uma enorme curiosidade, ver que a escola não tinha muito em comum com o ambiente que a cercava, preponderante de agricultura familiar, a escola que recebe alunos de práticas comunitárias, da lida com a terra, não tem nesse espaço uma identificação com seu ambiente.

A instalação é relativamente grande, mas não tem todo o seu espaço utilizado, a falta de plantas, árvores e natureza me chamou atenção, assim como a estrutura muito parecida com as escolas da cidade, por vezes se mostra ambientado pelo esforço do corpo docente em trazer a realidade para a sala de aula. A gestão mostra-

se enormemente preocupada com a democratização das práticas na escola, ou seja, integrar todos os membros no centro de decisões, quando perguntada sobre a relação da gestão com os funcionários, alunos e comunidade a gestora respondeu:

A gestão pedagógica a gente trabalha muito em parceria, a escola ela é muito democrática e a gente trabalha em parceria com a parte pedagógica, com o conselho, tem o conselho escolar os professores que são muito participativos. A gente acompanha de perto o trabalho do professor, dos alunos, dos pais, que também são muito participativos, são muito atuantes, tem uns que a gente sabe, toda escola tem, mas nós acompanhamos de perto o trabalho dos professores, que são muito participativos e atuantes, tem uns que nós sabemos que toda escola tem, tanto é que nosso ideb foi 6, que saiu agora recente, se não me engano antes de ontem, o 5º ano ficou com 6, que é a meta do município, a gente alcançou 6 porque o trabalho dos professores é muito bom, eles são muito dedicados e a gente acompanha, eu como gestora não sou a coordenadora, mas participo de tudo junto com a coordenadora.

Na literatura sobre educação participativa, podemos perceber a necessidade e urgência de inserção de práticas democráticas na escola, que sejam facilitadoras no processo de construção do conhecimento.

A problemática se evidencia na fala sobre a educação do e no Campo e como essa bandeira ainda é por vezes desconhecida, quando perguntada sobre as diferenciações das escolas rurais e urbanas a gestora responde que:

Quanto aos conteúdos, os escritores são os mesmos, pode ter alguma diferença na parte do trabalho do professor, mas para dizer assim as disciplinas do interior é uma e da cidade é outra não, todas são iguais, o conteúdo que é trabalhado no interior é trabalhado em todo município, na rede, só que é lógico, que o professor do interior procura trabalhar com a realidade do aluno, se a nossa realidade é diferente da cidade então.

Percebe-se o esforço empreendido pela gestão escolar de aproximação de realidades, mas o currículo em si não é questionado, mais do que um problema local, estamos fazendo em vista um problema de aporte nacional, quando um currículo com vistas de mercado de trabalho dá lugar ao esforço de formar um cidadão que pensa criticamente e conhece sua realidade. O exemplo é dado pela coordenadora da escola:

“Olha a gente faz projetos durante o ano, que a gente busca estar trazendo essas articulações, por exemplo, ano passado a gente trabalhou a gincana de matemática e dentro dessa gincana tinha questões voltadas para essas temáticas dentro da escola, que é chamada escola limpa, que além do ambiente escolar, trata também da comunidade em si, como aqui é uma comunidade rural o Campo se insere.”

Segundo Paro (2002), as políticas públicas em educação necessitam da afirmação radical, da função da escola como formação para a democracia com projetos que em consonância com isso sejam explicitamente planejados para tal finalidade.

## 6.2. A VISÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Ao longo das visitas na Escola Municipal 25 de Julho, foi possível fazer um esforço de observação além de coletar entrevistas da comunidade escolar, com o foco em entender o funcionamento das práticas pedagógicas e em como convivem com o meio rural para o entendimento daquela realidade.

Aos questionamentos quanto à relação entre a gestão com a comunidade a gestora nos respondeu:

A escola é aberta, a escola não é fechada, como sempre digo a eles nas reuniões, a escola está de portas abertas, eles vêm e não têm um horário de atender um pai, não o pai chegou, o pai entra, a gente tem eventos que convida não só pai de aluno é a comunidade e não é só nossa comunidade, é as outras comunidades ao redor, onde tem aluno que vem para cá. Então a gente tem a festa das mães, evento dos pais das crianças, do estudante, de São João. A escola é aberta, tem o natal da criança, que a gente não faz só para as crianças da escola é para comunidade, então a comunidade sempre participa.

O depoimento da aluna do sétimo ano, sobre o envolvimento da comunidade dentro da escola também aponta para um resultado que beneficia a ideia de integração: “Sim, a nossa escola realiza várias homenagens, faz vários projetos, para que não só o aluno participe, mas os pais, os parentes dos alunos para ter um bom relacionamento entre pais, professores, alunos, coordenadores e diretora.”

Diante dos questionamentos sobre a integração da escola com a comunidade, pais e alunos, a resposta se coloca de forma positiva no sentido de integrar todos os componentes. Esses fatores se interligam diretamente com o entendimento sobre uma gestão participativa, fazer do todo a tomada de decisões é em sim uma prática democrática. Quando questionada sobre o que entende por gestão participativa, a diretora nos respondeu:

Gestão participativa é onde todos possam participar para melhorar, que possam estar juntos, que possam estar se apoiando em busca do mesmo objetivo, que é a aprendizagem dos nossos alunos. E isso eu procuro sempre ouvir nossos professores, eles são muito participativos, são muito criativos e eu nunca faço um projeto ou alguma ação para dizer assim: “Gente vamos

fazer isso". Eu sempre chamo eles e muitas vezes eles mesmos é que elaboram, trazem, eu dou uma lida a gente senta e melhora, mas onde todos possam participar para melhorar a escola e a aprendizagem dos alunos.

Ao professor de matemática do 7º ao 9º ano, que trabalha a 8 anos na escola, foi feito semelhante questionamento que teve como resposta:

Gestão participativa é quando as decisões não são só de cima para baixo, acontece o diálogo, onde é colocada as problemáticas, colocadas sugestões, aí se entra num denominador comum, aqui funciona muito bem a nossa equipe é uma equipe muito boa, trabalha a muito tempo junta a nossa gestora ouve bastante as nossas opiniões, antes de tomar qualquer decisão ela sempre pede a nossa opinião de tudo, aqui considero uma gestão muito boa participativa.

É notável o esforço que se faz na escola no sentido de práticas integrativas e democráticas, ao ouvir professores, técnicos e alunos consegue-se perceber a fala uníssona, que transmite a noção de uma escola onde o centro das decisões é horizontal. Todos sentem-se participando, de fato é um ambiente comunitário e enxergam suas vozes sendo validadas em todos os processos dentro da escola. Outra aluna do sétimo ano descreve o sentimento que existe da mesma quanto o ambiente escolar.

Eu acho que o que já existe na escola já serve bastante para nosso desenvolvimento escolar e sempre que precisar de alguma reforma ou alguma coisa quebra a gestão chega junto, não deixa nada faltar na escola e sempre oferece um ambiente escolar apropriado nossos professores fazem o que podem para nos ensinar e passar toda a matéria, enfim não tenho nada a reclamar. Além disso, nossos pais podem sempre estar aqui e ajudando para fazer juntos os eventos e matérias da sala.

A literatura nos fornece uma série de apontamentos no que diz respeito a efetividade da imersão em práticas democráticas e de uma gestão que preze pela participação de todos, Luck enxerga a liderança participativa como uma estratégia empregada para aperfeiçoar a qualidade educacional, seria essa a chave para liberar a riqueza do ser humano que está presa a aspectos burocráticos e limitados dentro do sistema de ensino? A construção de modelos de "liderança compartilhada", delega a tomada de decisões nas mãos daqueles que estão fazendo parte da construção de serviços educacionais. A professora de educação infantil discorre sobre a integração e o trabalho da gestão na escola:

A gestão pedagógica faz reuniões, orienta, tem projetos também, projetos enviados pela secretaria de educação, esses projetos ela lança para gente o que foi proposto e em cima disso dá dica de como a gente possa trabalhar e

desenvolver um bom trabalho, vem tudo muito minucioso, então aqui a gente vai distinguindo alguns pontos e ela vai orientando o que é proposto lá.

No caso da Escola Municipal 25 de Julho, a participação ativa da comunidade tem um papel preponderante no incentivo a própria gestão para práticas participativas. Os gestores percebem nessa comunidade a real vontade de fazer parte da escola, dos assuntos estudados por seus filhos, do rumo das celebrações que acontecem na escola. Segundo a diretora da escola sobre a participação dos pais:

Muitas vezes não precisa a gente chamar, eles vêm para escola e eu aproveito para conversar, para saber como está, se tem algum problema, se eles acham que do jeito que está, tá bom, se tem alguma sugestão. Nas reuniões de entrega de resultado a gente aproveita para incentivar mais ainda, informamos que a escola está aberta, que eles venham que se sintam à vontade.

Segundo Luck (et all), é possível a construção de um quadro que demonstram tarefas para aquele gestor que tem a vontade de construir ao seu redor um ambiente participativo, dentre as tarefas estão: criar na comunidade a visão da escola, estimular a comunidade e a equipe escolar a participar, tarefa que por vezes demanda um estímulo contínuo, a facilidade encontrada hoje na Escola Municipal 25 de Julho para o ambiente existente é fruto de anos de trabalho, de gestões que conhecem a necessidade de trabalhar em conjunto deixando para trás a visão da escola por muitos anos construída, que autoritariamente trata o seu todo. Fruto desse esforço é o depoimento da aluna do nono ano:

Eu acho uma gestão boa, com profissionais qualificados para o cargo, estão ali para apoiar os alunos. Sinto como se tivesse um pouco da minha casa na escola, porque todos podem vir aqui, além do que, muitas vezes existem eventos na comunidade feitos pela escola como: jogos, passeatas, os dias de festas que representam a comunidade.

O fato de o Mandacaru II ser um distrito pequeno, segundo professores da escola, contribui para a integração da comunidade com o ambiente escolar, segundo o professor de matemática, por vezes a escola se torna uma extensão da família, dos pais e alunos, esse ambiente comunitário é ainda raro, mas é a prova de que o pensamento em conjunto e comunitário pode trazer inúmeros benefícios para as práticas educacionais. Ao escutar alunos e equipe, consegue-se notar a satisfação que tem em fazer parte da escola de como a gestão está intrinsecamente atenta às vozes do coletivo e sempre levantam a bandeira de como os resultados estão a mostra

no próprio avanço de seus alunos. A professora da Educação Infantil vespertino também coloca os benefícios da integração da comunidade na escola:

A escola aqui tem uma ligação muito forte com a comunidade, em prol de desenvolver projetos, tem os pais que estão sempre presentes, como aqui é uma comunidade pequena e a maioria dos alunos estuda aqui não saem para fora, tem aqui o projeto que são as roças. A escola tenta sempre estar em diálogo com os pais, manter esse diálogo direto, tem algumas reuniões, projetos, que tem com os pais onde eles buscam trazer palestrantes, aí trabalham muito a questão da família, então eles estão sempre buscando trazer os pais para dentro da escola.

O professor de matemática discorre sobre a missão da escola pública, das adversidades encontradas na falta de incentivo por parte de políticas públicas. A gestão participativa caminha como ferramenta na mão de gestores e professores.

Como disse é a tendência não só tendência deveria ser em todas as escolas, a gestão participativa, até porque a escola aqui é de pequeno porte, mas dependendo do porte da escola para o gestor fazer tudo sozinho é complicado, e nós somos seres pensantes a gente não aceita tudo de cima para baixo, nem se ela quisesse fazer de cima para baixo não conseguiria, porque nós temos nossas opiniões, as nossas sugestões, mas isso graças a Deus aqui não ocorre, ela tá sempre aberta ao diálogo, tanto ela quanto a coordenadora com relação a parte pedagógica, a tudo ela sempre tem dado esse apoio para gente. E a relação da comunidade na questão da gestão participativa, tá sempre presente, se você ficar aqui um dia inteiro você vai ver que tem sempre um pai que conversa, vai lá na sala falar com a gente, são muito de participar.

A fala do professor de matemática vai ao encontro com os rumos que a escola pública tem tomado nos últimos anos, especificamente na década de 1980 quando é fundado um movimento em favor da descentralização e democratização da gestão das escolas públicas, o apelo pela horizontalização das relações no ambiente de trabalho tem apenas crescido desde então.

O movimento em favor da descentralização e da democratização da gestão das escolas públicas, iniciado no princípio da década de 1980, tem encontrado apoio nas reformas educacionais e nas proposições legislativas. Este movimento concentra-se em três vertentes básicas da gestão escolar: a) participação da comunidade escolar na seleção de gestores da escola; b) criação de um colegiado/ conselho escolar que tenha tanto autoridade deliberativa como poder decisório; c) repasse de recursos financeiros às escolas, e, conseqüentemente aumento de sua autonomia. (LUCK, 2012 p.15)

É fato que o caminho contrário de manutenção dos caminhos autoritários e da busca por uma educação engessada é também muito difícil de ser superado, por anos a educação foi tratada como um meio para servir a ideologia vigente de formação, de



trabalhadores que não necessariamente precisavam fazer parte do seu próprio processo de aprendizagem.

A superação da visão burocrática e hierarquizadora de funções e posições, evoluindo para uma ação coordenada passa necessariamente pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da totalidade dos membros do estabelecimento de ensino no sentido de que compreendam a complexidade do trabalho pedagógico e percebam a importância da contribuição individual e da organização coletiva para sua melhor realização e eficácia. Cada ação somente faz sentido em articulação com os demais. (LUCK, 2012, P.82)

Fica claro que o caminho para a democratização da gestão e do próprio funcionamento das escolas como um todo, devem estar intrinsecamente ligados com a “formação dos formadores”, sem um incentivo e trabalho incessante, neste sentido a dificuldade que se impõe é ainda maior, a contagem não deve ser no sentido de um movimento espontâneo que surja sem a participação de todos, inclusive no próprio processo de elaboração. Caldart et all no livro “Formação de formadores” fornece um balanço para a necessidade do investimento na formação de professores para que se cumpra o processo de democratização da educação rural.

### 6.3 A EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO E A ESCOLA 25 DE JULHO

Este processo que dentro de nossa pesquisa mostrou-se por vezes invisível para a maior parte dos entrevistados, em muitos momentos ao serem questionados sobre a educação contextualizada do e no Campo, se fazia parte do currículo da escola, obtivemos como resposta um certo desconhecimento sobre a temática, ao passo que o estado não fornece esse tipo de conteúdo às escolas e suas gestões se tornam carentes da compreensão da necessidade de diferenciações, no que concerne à educação compreendida rural e na cidade.

É interessante notar que o Distrito de Mandacaru II, extensão do município de Mandacaru I, que surge diante da construção da empresa AGROINDÚSTRIAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO S/A – AGROVALE. Anteriormente no local tem-se a informação de que existiam ali comunidades de fundo e fecho de pasto, informação essa concedida por moradores do local. Segundo Almeida 1989 “os pais de alunos hoje em sua maioria trabalhadores das safras da AGROVALE, continuam a exercer seu modo de existência com a terra, muitas vezes com o conhecimento que estão inseridos em um local de extrema especulação fundiária, conhecido na literatura como áreas de conflito”.

A quem serve então a falta de contextualização na escola da realidade do local? Diante dos textos estudados nessa pesquisa, pode-se compreender a necessidade de ser levantada a bandeira da escola Do Campo que leva em consideração o movimento acima citado, que envolve uma grande literatura de apoio.

No final dos anos 1990 vê-se surgir um importante movimento denominado, “Por uma Educação do Campo”, esse movimento que contou com o apoio de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), encabeçou o que buscou ser uma guinada radical na forma de se conceber a educação do e no Campo, não colocado a parte as ressalvas que podem ser feitas está sendo ainda hoje um grande movimento em favor de uma educação que de fato se destine ao Campo.

As ressalvas podem existir no sentido do que se compreende atualmente, da grande diversidade de existências no Campo e de entender que não se trata de uma única esfera e população, dentro do que se concebe como Campo estão presentes milhares de formas de existência, como quilombolas, populações indígenas, comunidades de fundo de pasto, seringueiros e assim por diante, o que Almeida (1989) concebe como comunidades tradicionalmente ocupadas para se referir aos conflitos existentes aí.

É fato que as críticas relegadas ao movimento “Por Uma Educação do Campo” são válidas, já que as formulações teóricas estão em constante transformação, assim como a visibilidade de problemas que por tempos foram invisibilidades justamente para que não fossem questionados Caldart 2008, Salienta:

A realidade desses sujeitos não costuma ser considerada quando se projeta um desenho de escola. Esta é a denúncia feita pela especificidade da Educação do Campo: o universal tem sido pouco universal. O que se quer, portanto, não é ficar na particularidade, fragmentar o debate e as lutas; ao contrário, a luta é para que o “universal seja mais universal”, seja de fato síntese de particularidades diversas, contraditórias. (p.74)

Guardadas as ressalvas é imprescindível atestar a necessidade do movimento em questão, contextualizar os ensinamentos não quer dizer de forma alguma colocar barreiras para a apreensão dos conhecimentos como um todo, ao invés de lutar por uma bandeira de conhecimentos únicos, na verdade o movimento “Por Uma Educação Do Campo” busca propor a captura da realidade como um todo, o alcance da ciência para todos só que dessa vez sem excluir as realidades próximas e diárias como a lida com a terra, por exemplo:

[...] uma das matrizes pedagógicas fundamentais da reflexão de um projeto educativo que se contraponha aos processos de exclusão social, e que ajude a reconstruir a perspectiva histórica e a utopia coletiva de uma nova sociedade com justiça social e trabalho para todos (CALDART, 2008, p. 209).

Por ser ainda um conceito novo é importante perceber que as suas definições estão sendo construídas junto com as populações do e no Campo, segundo Caldart 2008:

Portanto, um conceito próprio do nosso tempo histórico e que somente pode ser compreendido/discutido no contexto de seu surgimento: a sociedade brasileira atual e a dinâmica específica que envolve os sujeitos sociais do Campo. (p. 25)

Ao falar sobre a atual dinâmica da sociedade brasileira, é imprescindível nos localizarmos no que diz respeito aos conflitos enfrentados no meio rural. O século XXI vive sobre a égide do Agronegócio, que muito mais do que uma nova forma de industrializar o Campo, pode ser concebido como um rearranjo do que já se conhece da história da agricultura no Brasil:

Agronegócio é, portanto, o novo nome do modelo de desenvolvimento econômico desse conjunto de sistemas que contém, inclusive, a agropecuária capitalista. Esse modelo não é novo, sua origem está no sistema plantation, em que grandes propriedades são utilizadas na produção para exportação. Desde os princípios do capitalismo em suas diferentes fases, esse modelo passou por modificações, ampliações e adaptações, intensificando a exploração da terra e do homem. Por uma educação do Campo (FERNANDES, 2008, p. 47)

Muito se fala atualmente sobre o agronegócio, sobre este ser o principal meio econômico brasileiro, mas é fato, que segundo a perspectiva dirigida nesse trabalho o agronegócio é muito mais danoso ao povo brasileiro do que um meio de desenvolvimento e se há desenvolvimento nesse sentido é de caráter conservador. Moacir Palmeira 1989, já alertava: “Nos governos que se sucederam após 1964, uma via foi priorizada: a da modernização do latifúndio em prejuízo daquela que era aparentemente privilegiada pela letra do Estatuto, a da formação de propriedades familiares” (p. 96)

Portanto, ao pensar a educação do e no Campo, também está pensando na problemática que surge a partir do estabelecimento do agronegócio, que para fincar suas bases no Campo e “desenvolvê-lo” esquece dos próprios povos tradicionais e muitas vezes usa de violência para se apropriar do seu território, como então a

educação colocada nas escolas rurais pode deixar de formar seus cidadãos no sentido da luta contra semelhantes desigualdades impostas? Para Caldart:

[...] não uma “idéia” de Campo, mas o Campo real, das lutas sociais, da luta pela terra, pelo trabalho, de sujeitos humanos e sociais concretos; Campo das contradições de classe efetivamente sangrando. (CALDART, 2008, p.55)

Apesar da escola em que se insere essa pesquisa não se colocar como uma escola do Campo, é importante ter em mente que essa bandeira precisa ser levantada. O município de Juazeiro Bahia conta com poucas experiências referentes a temática, mas, da mesma forma conta com inúmeras escolas inseridas no meio rural, que poderiam estar se beneficiando da bandeira em questão.

O fato é que, a Escola Municipal 25 de Julho é ainda uma referência dentre as escolas rurais da região, o esforço em contextualizar e ambientar seus alunos às problemáticas do Campo por vezes parte de seus gestores, professores, e da própria comunidade. A Gestora nos relata o fato de que os alunos são filhos em sua maioria de trabalhadores rurais de safras, que sempre encontram na escola um espaço para compartilhar suas experiências e ao mesmo tempo inserir na escola suas preocupações e direcionamento no ensino de seus filhos, a preocupação que se coloca é então de caráter organizativo e de formação como um todo.

A gestora nos conta em entrevista a problemática vivenciada pelos alunos da escola, da falta de incentivos por parte do estado no que diz respeito às perspectivas de um futuro e de um trabalho que os realize enquanto cidadãos.

Talvez se retornássemos a discussão de uma escola do e no Campo, aqui poderíamos perceber a necessidade dessa bandeira. A gestora nos conta que a maioria de seus alunos vê como uma opção de sucesso em seu futuro a ida para o município de Juazeiro-Ba, onde poderiam completar seus estudos e assim conseguir uma carreira.

O Mandacaru II existe plenamente da agricultura irrigada, seus filhos então por vezes enxergam dois caminhos para completar, ou a produção em pequena escala, de subsistência, ou o emprego em alguma das empresas que existem no local, grandes corporações do agronegócio.

Talvez o entendimento pleno da realidade pudesse alertá-los, de que os seus caminhos não necessariamente precisam se encaixar nos planos feitos pelas próprias empresas para suas vidas. Como já foi pontuado nesse texto, as terras antes da

pequena agricultura foram tomadas por essas empresas o paradoxo é então, porque agora precisam trabalhar para alguém nas terras que uma vez foram suas?

A Educação do Campo, nasceu tomando/precisando tomar posição no confronto de projetos de Campo: contra a lógica do Campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente, a afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões, necessidades, formas. E ao nascer lutando por Educação do Campo direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse a sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (CALDART, 2012, p.72)

A Fala da gestora nos alerta para a urgência da formação política de seus alunos, e da própria comunidade, é por isso que a educação do e no Campo para o Campo tem a necessidade de ser discutida e além de tudo mostrada como uma possível ferramenta de transformação da vida de populações, que por anos foram marginalizadas no escopo da tomada de decisões sobre suas próprias vidas.

#### 6.4 EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E A REALIDADE DA ESCOLA MUNICIPAL 25 DE JULHO

A abordagem participativa na escola ainda tem demonstrado uma série de entraves no seu estabelecimento, em um âmbito de estudos nacionais, é demonstrado que ainda existe uma enorme dificuldade de sair da teoria da democratização para a prática, segundo Luck os entraves são muitos:

Sabemos que, dada a tendência burocrática e centralizadora ainda vigente na cultura organizacional escolar e do sistema de ensino brasileiro que a reforça, a participação, em seu sentido dinâmico de Inter apoio e integração visando a construir uma realidade mais significativa, não se constituiu em uma prática comum nas escolas. O mais comum é a queixa de gestores escolares, de que “têm que fazer tudo sozinhos”, que não encontram nem apoio nem eco “para o trabalho na escola como um todo, limitando-se os professores a suas responsabilidades de sala de aula”. (LUCK, 2012, p.19)

Interessante notar, que a realidade encontrada na Escola Municipal 25 de Julho, pode ser considerada como uma exceção, mediante a regra a qual a educação está estabelecida de um grande problema burocrático e por vezes autoritário encontrado nas escolas. Os professores da escola atrelam a realidade democrática encontrada

ao fato de ser uma comunidade pequena, a escola acaba por ser uma “extensão da família” na fala destes, assim como os professores o sentimento da realidade democrática também demonstra ser compartilhado por alunos, a aluna do oitavo ano relata:

“Com as reuniões, as festinhas da escola, que a maioria do povo da comunidade são pais dos alunos. Então sempre estão unidos, muitas vezes a gente traz questões de casa pra escola e os professores nos ajudam e também nossos pais procuram estar aqui presentes para dizer aos professores as coisas que acham importantes pra gente.”

No caso mais uma vez da regra, no que diz respeito à participação dos familiares a regra é de pouca participação, muitas vezes a própria gestão se coloca como empecilho nesse processo. Talvez a tradicional maneira educacional com traços autoritários encabece esse processo.

“Quanto aos pais, a sua participação é na maioria das vezes, apenas desejada para tratar de questões periféricas da vida escolar, como por exemplo, aspectos físicos e materiais da escola.” (LUCK, 2012 p.19)

A Escola Municipal 25 de Julho por sua vez, vê a presença da comunidade como imprescindível para a construção do ambiente que a escola persegue, a fala de uma mãe de aluna da escola é bem elucidativa neste sentido:

“Eles trabalham com todos, tratam todos iguais, todos da mesma forma, são presentes, participativos, sempre procuram trazer o melhor para todos. Sempre nos chamam para participar das decisões, sempre nos perguntam se estamos de acordo, se queremos coisas diferentes na escola. Eu acho ótimo, porque assim os nossos filhos estão em uma escola que nós todos construímos.”

A literatura sobre a educação participativa, confirma a necessidade do envolvimento de todos nos processos referentes a escola, para que a eficácia dos métodos pedagógicos possa se confirmar.

A abordagem participativa na gestão escolar demanda maior envolvimento de todos os interessados no processo decisório da escola, mobilizando-os da mesma forma, na realização das múltiplas ações da gestão. Esta abordagem amplia, ao mesmo tempo, o acervo de habilidades e de experiências que podem ser aplicadas na gestão das escolas, enriquecendo-as e aprimorando-as. (LUCK, 2012 p.18)

Talvez possa dizer, que as conquistas no trabalho da escola se deem pelo tamanho da comunidade que se insere e, portanto, a aproximação de todos que se dá de forma quase espontânea, mas, também é preciso dizer que a escola parece contar

com o esforço de todos no sentido de democratizá-la, família, alunos, gestores, todos demonstram querer um ambiente em que o todo se encontre.

A gestora relata que, apesar de considerarem grande a participação da comunidade isso não se realiza sem esforços e sem a bandeira de uma educação libertadora levantada pela própria gestão.

O esforço que tem feito nos últimos anos mostra resultados, mas, segundo a mesma, o trabalho só está em andamento. A formação política precisa ser também do todo, um trabalho em conjunto para a superação das dificuldades e a inserção de um ambiente cada vez mais democrático.

## **6.5 ARTIGO CONCLUÍDO**

O artigo que foi construído paralelo à pesquisa na Escola Municipal 25 de Julho, tem como título “EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA E DEMOCRACIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA”. Este tem como objetivo realizar um breve estudo em torno dos temas, educação participativa e educação do Campo, através de revisão bibliográfica. Trazendo a atenção para a educação do e no Campo e como essa somada a uma gestão democrática pode ter suas potencialidades aguçadas. A revista escolhida para a submissão do artigo é a Research, Society and Development.

## **7. PRODUTO**

O produto deste trabalho foi construído através da observação das entrevistas e da revisão de literatura. Entendemos ao longo do processo de pesquisa, que o ambiente da Escola Municipal 25 de Julho atravessa um caminho de vontade de participação e de fazer-se um ambiente participativo e democrático, no entanto, quando se fala da bandeira “Por uma Educação do Campo” a realidade é de certo desconhecimento da existência de tal bandeira.

A partir dessas conclusões foi construído um livreto com a intenção de informar, fazer um manifesto em relação a bandeira “Por Uma Educação do Campo”, através da pesquisa entendemos que a incorporação dessa bandeira, dentro das escolas rurais, poderá ser um divisor de águas na formação de seus alunos e da própria comunidade, inserindo uma educação contextualizada que contemple as lutas enfrentadas pelo campo, contando a história das diversas manifestações existentes

no meio rural e da própria imersão do currículo em práticas que contextualizem disciplinas com a realidade de seus locais no meio rural.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Mediante as visitas, entrevistas e observações pode-se perceber o quanto a escola está engajada, em tornar o seu ambiente cada vez mais democrático e inclusivo. Constatou-se através dos professores, pais de alunos e até mesmo alunos, o quanto sentem-se integrados no movimento pedagógico da escola. Pode-se perceber também, que apesar das dificuldades materiais envolvidas na questão da própria escola pública é de grande esforço por parte principalmente da gestão, o movimento democrático dentro da escola, o fato de se tratar de uma comunidade pequena também se mostrou um traço positivo no que concerne a agregar o todo no processo decisório. A gestão coloca então a comunidade como um agente ativo na construção da escola que pretendem do próprio apoio no fazer pedagógico.

As problemáticas relacionadas à escola rural, que não tem em seu currículo o ensino contextualizado, mostram sintomas na própria forma como os alunos tem encarado a jornada na escola e na aprendizagem, a fala da diretora da escola explicita que por vezes os alunos encaram a vinda para o município de Juazeiro-Ba como uma melhor opção para terem sucesso em sua vida futura.

Talvez se a escola do Campo para o Campo fosse uma realidade, a necessidade de sair de seu próprio local não se faria presente. É cada vez mais necessário pensar o Campo para o Campo, principalmente superar a antiga visão que marginaliza e violenta as populações que existem no Campo. No caso do Mandacaru II, a proposta “Por uma educação do Campo”, tem necessidade de ser conhecida, a conversa com a escola foi de troca de conhecimentos e como resultados temos a vontade dos gestores de cada vez mais incluir a realidade do meio em que vivem os alunos para a sala de aula.



## 9. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação do Campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do Campo. In: Inra, Ministério do Desenvolvimento Agrário Brasília, 2008.

FERNANDES, Bernardo, Mançano, Por uma educação do Campo. In: Inra, Ministério do Desenvolvimento Agrário Brasília, 2008.

GIL, Antonio Carlos, Como elaborar um projeto de pesquisa- 4. Ed. - São Paulo (SP), Atlas, 2002.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. Goiânia: MF: Livros, 2008.

LUCK, Heloísa. Dimensões e Gestão Escolar e suas Competências. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LÜCK, Heloísa [et, al.] A escola participativa, O trabalho do gestor escolar. Editora Vozes, 10 ed., Petrópolis RJ, 2012.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada**: Análise de objetivos e de roteiros. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf)>. Acesso em 27 jun de 2018.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São. Paulo: Boitempo, 2005.

PARO, V. H. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2002.

PILETTI, Nelson. Aprendizagem: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.

PURKEY, S.C. & SMITH, M.S. Effective schools- **a review**. **Elementary School Journal**, 83, p.427-452, 1993.

RAMOS, Marise Nogueira, MOREIRA, Telma, SANTOS, Clarice Aparecida. **Referencias para uma Política Nacional de Educação do campo**: Caderno de subsídios. Brasília, DF: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, grupo Permanente Trabalho de Educação do Campo, 2005.

SILVEIRA, Denise (orgs). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.31-43, 2009.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA PARA PARA GESTORES/PROFESSORES**

- 01) Como se dá o trabalho da gestão pedagógica na presente escola do Distrito de Mandacaru?
- 02) As gestões mudam de quanto em quanto tempo?
- 03) Quem são as pessoas encarregadas por tal gestão?
- 04) Existe uma diferenciação entre a gestão pedagógica e a gestão patrimonial do local? (por gestão patrimonial me refiro a distribuição dos materiais recebidos para uso da escola, ex: materiais pedagógicos, cadeiras, mesas, livros recebidos.
- 05) Existe uma diferenciação entre o tipo de gestão que se faz no Campo/zona rural para o meio urbano?
- 06) Nesta escola existe um tipo de educação contextualizada? (onde as disciplinas curriculares estão atreladas a lida do Campo? Se sim comente como é feito este trabalho
- 07) Qual o tipo de contato da escola com a comunidade?
- 08) A gestão é feita por coordenadores e diretores ou além destes também se conta com a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários) e a comunidade das redondezas em geral? Como ocorre?
- 09) O que você entende por gestão participativa?
- 10) A gestão funciona melhor quando há a participação de comunidade e corpo estudantil e docente ou quando é manejada por aqueles que foram encarregados institucionalmente para tal tarefa? Comente.
- 11) Como a escola maneja o patrimônio e material que chega ao local?

**APÊNDICE B – ENTREVISTA PARA PARA ALUNOS**

- 01) Como você enxerga a gestão(coordenadores/diretores/professores) da escola?
- 02) A escola tem contato com a comunidade?
- 03) Você sente que participa da construção das atividades escolares?
- 04) Aqui vocês aprendem só as disciplinas da escola ou elas vem junto com um conhecimento relacionado a zona rural?
- 05) Como você lida com o patrimônio da escola? (cadeiras, material didático,livros, quadro, murais)
- 06) Você sente que o conhecimento adquirido na escola pode ser levado para o seu dia a dia?
- 07) Existem atividades promovidas pela escola para integrar a comunidade local? (seus pais, vizinhos, moradores locais)
- 08) Os seus pais e vizinhos participam das atividades promovidas pela escola?
- 09) O que você acha que precisa melhorar na escola no que diz respeito as atividades existentes, aos gestores e professores, a estrutura (estado dos materiais, estrutura física, paredes, moveis)
- 10) O que poderia tornar a escola um ambiente melhor?

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos de comunidades escolares do campo no Projeto Mandacaru em Juazeiro -BA.

**Pesquisador:** PALMIRA DA SILVA CARVALHO

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 10141719.3.0000.5196

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.736.303

**Apresentação do Projeto:**

1. Trata-se de parecer de pendência sobre parecer anterior n.3.710.516.

1.1. O projeto de pesquisa está ligado a Os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos de comunidade escolar do campo no Projeto Mandacaru em Juazeiro-BA e a sua equipe executora é composta por: Palmira da Silva Carvalho (pesquisadora responsável) e Flaviane Monteiro Silva (orientadora). O projeto contempla todas as seções essenciais para a análise ética.

**RESUMO**

O presente trabalho tem como temática e foco investigativo a questão da gestão patrimonial e pedagógica da escola do campo e a função do gestor como mediador, um articulador, transparente e engendrado no comprometimento da instituição com os demais atores da educação com a comunidade. É notório que por muito tempo o campo foi tratado como um ambiente a ser superado, que teria como fim o meio urbano. Sabe-se nos dias atuais que o campo é espaço de transformação social e o processo educacional ali contido deve ser visto também como tal. Estudar as gestões contidas ali é colocar-se diante do que tem sido feito e do que pode ser feito para o desenvolvimento das potencialidades ali encontradas, o presente trabalho busca investigar ao

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br

Continuação do Parecer: 3.736.303

passo que dá voz àquele espaço e personagens de ação do campo, mais especificamente o que propõe este trabalho na Escola do Mandacaru.

**Objetivo da Pesquisa:**

2. Os objetivos estão bem delineados, são exequíveis, estão em acordo com a metodologia proposta e podem ser atingidos no prazo estipulado pelo cronograma.

**2.1. OBJETIVOS**

GERAL: Avaliar os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos de escolas do campo com as comunidades no Projeto Mandacaru em Juazeiro-BA

**ESPECÍFICOS:**

- Avaliar o trabalho da gestão escolar no desenvolvimento da educação campesina do projeto Mandacaru;
- Investigar o relacionamento da gestão escolar com a comunidade local;
- Identificar os usos e atributos do patrimônio físico da escola no desenvolvimento da educação campesina do projeto Mandacaru;
- Desenvolver na comunidade escolar a consciência da necessidade da preservação patrimonial;
- Estimular a comunidade escolar a valorizar a cultura local, integrando-a nas atividades de ensino aprendizagem;
- Avaliar os impactos da gestão participativa no desenvolvimento pedagógicos da comunidade estudantil;

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

3. Foi realizada uma análise dos riscos pertinente, com previsão de estratégias para minimizá-los, assim como foram apresentados os potenciais benefícios que a pesquisa pode propiciar aos seus participantes.

3.1. Riscos acrescentados: "Dentro da pesquisa empreendida, a utilização de entrevista poderá conter riscos que serão prontamente mitigados pelas medidas adotadas abaixo. Dentre os riscos podem estar:

- Invasão de privacidade;
- A perda do autocontrole e integridade no ato de revelar pensamentos e sentimentos que nunca antes foram revelados
- Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado;
- Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE).

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br

Continuação do Parecer: 3.736.303

- Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista, dentre outros."

3.2. Formas de mitigação acrescentadas: "Antes da entrevista foi selecionada a sala da coordenação, sendo este um lugar privado, que poderá garantir a privacidade da feitura das entrevistas. Ainda antes os entrevistados estarão cientes do caráter das perguntas para que possam mostrar-se a vontade para respondê-las, além de estarem cientes de que será mantido o sigilo absoluto das informações de caráter pessoal contidas nas respostas dos participantes, será garantido também o acesso aos resultados individuais e coletivos da entrevista, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, será garantido que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes durante a pesquisa."

3.3. Riscos e formas de mitigação do vazamento de informações acrescentado: "O vazamento de informações poderiam acarretar certo constrangimento ou desconforto dentro da comunidade escolar, porque as perguntas tratam da relação entre docentes, estudantes e comunidade externa, portanto, se faz necessário na pesquisa e entrevista, tentar ao máximo utilizar as informações que não comprometam o bom relacionamento escolar, descartando eventuais falas que estejam direcionadas a membros de tal comunidade. Além de manter a omissão de identidades."

3.4. Medidas de proteção acrescentadas: "A problemática contida na observação participante pode comprometer a "neutralidade" do pesquisador dentro da entrevista, sendo esse um trabalho de caráter intervencionista, a participação ativa do entrevistador se faz necessária, é claro que, respeitando os limites éticos e limites da dignidade humana. Ao participar da entrevista ativamente o pesquisador corre o risco de empreender seus próprios costumes e valores no decorrer do trabalho, fato é, a pesquisadora se compromete dentro de seus estudos com a prática da alteridade, ou seja, a necessidade de enxergar o outro com o olhar do outro, buscando sempre respeitar os limites culturais, morais, costumes, portanto, ao somar sua carga cultural à pesquisa está fazendo da própria pesquisa um espaço de troca, que não valora os conhecimentos como mais importantes por x questões, o que está se procurando não é uma transfusão de conhecimento, pelo contrário, a troca para que os entrevistados sejam parte ativa na construção deste trabalho, a forma de lidar com o risco de uma possível "imposição" de carga cultural do pesquisador é a própria alteridade e a busca de tornar todo e qualquer conhecimento válido na construção da pesquisa."

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br

Continuação do Parecer: 3.736.303

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

4. O projeto foi corrigido e atende aos aspectos éticos de proteção aos participantes da pesquisa.

4.1. Item acrescentado aos Materiais e Métodos

A pesquisa que será empreendida terá caráter qualitativo, ou seja, as perguntas podem levar a respostas abertas e relativamente extensas, o caráter semi estruturado propõe uma ordenança no processo de entrevista porque possui questões bases predeterminadas, mas, também segue um modelo informal, parecido com uma conversa; Na escola mandacaru foi escolhida a sala da coordenação para a conversa com os docentes/gestores e também com os alunos, previamente será combinado a necessidade da extrema privacidade das conversas, cada pessoa será entrevistada separadamente, respeitando os limites pessoais de cada participante no tocante aos assuntos tratados, como foi colocado acima a a base das entrevistas e suas características serão mostradas previamente aos participantes. Além da garantia de sigilo e confidencialidade, o resultado das entrevistas serão colocados para os participantes (cada um verá o resultado de sua própria entrevista) e só depois de sua autorização será colocado no trabalho os resultados finais.

O roteiro base é este que segue abaixo:

Gestores/professores

Como se dá o trabalho da gestão pedagógica na presente escola do Projeto Mandacaru?

As gestões mudam de quanto em quanto tempo?

Quem são as pessoas encarregadas por tal gestão?

Existe uma diferenciação entre a gestão pedagógica e a gestão patrimonial do local? (por gestão patrimonial me refiro a distribuição dos materiais recebidos para uso da escola, ex: materiais pedagógicos, cadeiras, mesas, livros recebidos,

Existe uma diferenciação entre o tipo de gestão que se faz no campo/zona rural para o meio urbano?

Nesta escola existe um tipo de educação contextualizada? (onde as disciplinas curriculares estão atreladas a lida do campo? Se sim comente como é feito este trabalho

Qual o tipo de contato da escola com a comunidade?

A gestão é feita por coordenadores e diretores ou além destes também se conta com a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários) e a comunidade das redondezas em geral? Como ocorre?

O que você entende por gestão participativa?

A gestão funciona melhor quando há a participação de comunidade e corpo estudantil e docente

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br

Continuação do Parecer: 3.736.303

ou quando é manejada por aqueles que foram encarregados institucionalmente para tal tarefa? Comente.  
Como a escola maneja o patrimônio e material que chega ao local?

Alunos

Como você enxerga a gestão (coordenadores/diretores/professores) da escola?

A escola tem contato com a comunidade?

Você sente que participa da construção das atividades escolares?

Aqui vocês aprendem só as disciplinas da escola ou elas vem junto com um conhecimento relacionado a zona rural?

Como você lida com o patrimônio da escola? (cadeiras, material didático, livros, quadro, murais)

Você sente que o conhecimento adquirido na escola pode ser levado para o seu dia a dia?

Existem atividades promovidas pela escola para integrar a comunidade local (seus pais, vizinhos, moradores locais)

Os seus pais e vizinhos participam das atividades promovidas pela escola?

o que você acha que precisa melhorar na escola no que diz respeito as atividades existentes, aos gestores e professores, a estrutura (estado dos materiais, estrutura física, paredes, moveis)

o que poderia tornar a escola um ambiente melhor?

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

5. Todos os termos de apresentação obrigatória foram apresentados adequadamente.

5.1. O TCLE foi reformulado, atendendo as pendências pontuadas no parecer anterior.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

7. O projeto foi corrigido e atende aos aspectos éticos de proteção aos participantes da pesquisa.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

É com satisfação que informamos formalmente a V<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. que o projeto "Os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos de comunidades escolares do campo no Projeto Mandacaru em Juazeiro-BA." foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIVASF. A partir de agora, portanto, o vosso projeto pode dar início à fase prática ou experimental. Informamos ainda que no prazo máximo de 1 (um) ano a contar desta data deverá ser enviado a este comitê um relatório sucinto sobre o andamento da pesquisa.

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO VALE DO SÃO  
FRANCISCO



Continuação do Parecer: 3.736.303

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1289122.pdf	29/11/2019 17:21:33		Aceito
Outros	termo_de_anuencia.pdf	28/11/2019 21:46:52	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Outros	Carta_resposta_28_11_Enviar.docx	28/11/2019 21:34:39	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_oK3.docx	28/11/2019 21:25:39	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PRE_PROJETO_28_11_19.docx	28/11/2019 21:24:01	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP_27set.pdf	27/09/2019 14:59:36	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	05/06/2019 09:45:13	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PesqPalmira.docx	19/03/2019 15:36:18	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesq_Flaviane.docx	31/01/2019 13:04:16	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Outros	TC_SIGILO_Flaviane.docx	31/01/2019 12:56:05	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Outros	TC_SIGILO_Palmira.docx	31/01/2019 12:55:34	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Outros	Questoes.docx	31/01/2019 12:54:39	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	31/01/2019 11:41:41	PALMIRA DA SILVA CARVALHO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PETROLINA, 29 de Novembro de 2019

Assinado por:  
**Rebeca Mascarenhas Fonseca Barreto**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO VALE DO SÃO  
FRANCISCO



Continuação do Parecer: 3.736.303

**Endereço:** Avenida José de Sá Maniçoba, s/n

**Bairro:** Centro

**CEP:** 56.304-205

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-6896

**Fax:** (87)2101-6896

**E-mail:** cep@univasf.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural  
Home page: <http://www.pgextensaorural.univasf.edu.br/>

## **TERMO DE ANUÊNCIA**

**Título do Projeto:** Os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos de comunidade escolar do campo no Projeto Mandacaru em Juazeiro-BA

**Pesquisadora:** Palmira da Silva Carvalho

A pesquisa justifica-se pela necessidade do estudo e investigação em torno da temática da educação do campo se faz necessária dentre outros motivos, para que se possa demonstrar a existência de uma educação formal para além da forma corrente que tem seu delineamento nas cidades. Por muito tempo a educação no campo foi discriminada como um espaço de educação que não era reconhecida como uma espécie ‘válida’ esta tem por sua tradição uma forma escolar contextualizada com os atributos campestinos e suas diversas identidades atuantes demonstrando por si mesma que tem um papel catalizador de mudanças sociais, de esfera educacional e para além dela.

Neste trabalho em início se percebe a figura do gestor como um alguém que tem em suas mãos a tarefa da mediação dos processos educacionais nos quais estão inseridos, para além da forma pedagógica utilizada, os atributos físicos daquela localidade. É importante salientar que dentro do processo educacional não só há o envolvimento das pessoas para com elas mesmas, mas imprescindivelmente em se tratando de uma educação com os moldes do campo, o espaço físico, que é a fonte e o contexto da forma educacional empregada.

Nessa conjuntura, a escola pública necessita se empenhar em conjunto com a comunidade escolar, visando construir juntamente com todos os integrantes da mesma, caminhos que dirijam a uma educação empenhada com a modificação social. A gestão tem sim um papel de extrema importância, mas não será unicamente por intermédio desta que poderá ser realizado o trabalho em conjunto é o que se espera do bom funcionamento do

formato escolar.

O objetivo geral da pesquisa será avaliar os efeitos da gestão participativa na articulação dos componentes administrativos e pedagógicos da escola do campo, com da comunidade no Projeto Mandacaru em Juazeiro-BA

Para a realização da pesquisa será necessária a realização de entrevistas com os componentes da escola comunidade com a amostra dividida em discentes, docentes e gestores, para tanto, utilizará entrevistas semi-estruturadas com atores privados, públicos e comunitários a fim de captar suas percepções sobre

Com a finalidade de trabalharmos dentro de uma ética estabelecida para a pesquisa científica, o colaborador tomará ciência dos princípios abaixo discriminados e que regerão sua participação. Esta pesquisa está sendo orientada pela Professor Flaviane Maria Florêncio Monteiro Silva.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisadora acima se compromete a:

Iniciar a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.

Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Este TERMO, em duas vias, assinado e rubricado em todas as páginas é para certificar que a Escola, 25 de JULHO, concorda em participar deste projeto de pesquisa, bem instruído(a) neste termo de consentimento, de acordo com os seguintes princípios:

**AUTONOMIA:** Será preservada a participação a voluntária, sem coerção pessoal ou

institucional, uma vez dada permissão para ser entrevistado(a). Estando o participante ciente de sua liberdade para recusar a dar respostas a determinadas questões durante as entrevistas, retirar seu consentimento e terminar sua participação a qualquer tempo, bem como ter a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que desejar, e que todas deverão ser respondidas pelo pesquisador a contento.

**BENEFÍCIOS:** O participante está ciente de que não haverá benefícios diretos ou imediatos para si enquanto participante deste estudo, além de eventuais ganhos altruísticos de poder falar sobre o assunto em pauta. E que poderá haver alguma mudança positiva na abordagem de problemas socioeconômicos e ambientais após outros profissionais e outras instituições tomarem conhecimento das conclusões desta pesquisa. Podendo essa mudança positiva, ser considerada como um benefício para a coletividade e não para si em especial.

**PRIVACIDADE:** o entrevistado é sabedor que estarão garantidas a não invasão de sua privacidade. E que o material coletado na entrevista será de conhecimento apenas dos pesquisadores que trabalharão na análise das respostas. O relatório final estará disponível para todos quando estiver concluído o estudo, inclusive para a apresentação em encontros científicos e publicação em revistas especializadas. Finalmente, está ciente de que será respeitado quanto a não ter tocados aspectos de foro íntimo.

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:** A participação no estudo não acarretará custos aos participantes e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional, além das pagas em caso de indenização por danos ou ressarcimento de gastos por participação da pesquisa, entende-se como ressarcimento a compensação material dos gastos decorrentes da participação na pesquisa, ou seja, despesas do participante e seus acompanhantes, tais como transporte e alimentação.

**DESCONFORTOS E RISCOS:** O tema, a princípio, não tende a gerar riscos e/ou desconfortos. Mas, se isso por ventura ocorrer e durante o percurso da entrevista, em qualquer momento a mesma provocar incômodo de ordem pessoal, tais como não se sentir à vontade para responder, o entrevistado fica livre para desistir de responder. Além disso, o participante receberá um nome fictício, a fim de manter o sigilo da sua identidade e, ainda assim, existe o risco de ser reconhecido pela comunidade interna ou quando ocorrer a publicação dos resultados. Para evitar constrangimentos ou danos à sua imagem, poderá ser agendado um local reservado para realização da entrevista ou aplicação do questionário. Após a realização da mesma, uma prévia dos resultados concernentes aos dados obtidos a

partir da sua contribuição com a pesquisa, será disponibilizada para que indique as suas contribuições e conclusões que podem ou não ser publicadas. Além disso, caso ocorra algum dano de qualquer natureza, você receberá assistência integral, imediata e gratuita, pelo tempo que for necessário e poderá requerer uma devida indenização.

**MAIORES INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS:** Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Palmira da Silva Carvalho Telefone: (74)98815-1176 ou para o Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco através do e-mail: cep@univasf.edu.br ou do telefone (87)2101-6896. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado multidisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa proteger o bem-estar e os direitos dos indivíduos que participam de pesquisas científicas com seres humanos.

ESCOLA: 25 de Julho

GESTORA: Elis Regina Alves